

ANA CAROLINA SPINELLI

**PRONOMES E SUA AUSÊNCIA: POR UM TRATAMENTO
UNIFICADO DA OMISSÃO E DA EXPRESSÃO DE SUJEITOS E
OBJETOS DIRETOS PRONOMINAIS DE 3ª PESSOA**

**PORTO ALEGRE
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA E SIGNIFICAÇÃO**

**PRONOMES E SUA AUSÊNCIA: POR UM TRATAMENTO
UNIFICADO DA OMISSÃO E DA EXPRESSÃO DE SUJEITOS E
OBJETOS DIRETOS PRONOMINAIS DE 3ª PESSOA**

**ANA CAROLINA SPINELLI
ORIENTADOR: PROF. DR. GABRIEL DE ÁVILA OTHERO**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2018**

CIP - Catalogação na Publicação

Spinelli, Ana Carolina
PRONOMES E SUA AUSÊNCIA: POR UM TRATAMENTO
UNIFICADO DA OMISSÃO E DA EXPRESSÃO DE SUJEITOS E
OBJETOS DIRETOS PRONOMINAIS DE 3ª PESSOA / Ana
Carolina Spinelli. -- 2018.
80 f.
Orientador: Gabriel de Ávila Othero.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. pronomes. 2. retomada anafórica. 3. sujeito
nulo. I. de Ávila Othero, Gabriel, orient. II.
Título.

Ana Carolina Spinelli

PRONOMES E SUA AUSÊNCIA: POR UM TRATAMENTO UNIFICADO DA OMISSÃO
E DA EXPRESSÃO DE SUJEITOS E OBJETOS DIRETOS PRONOMINAIS DE 3ª
PESSOA

Dissertação de Mestrado em Estudos da
Linguagem, apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 19 de novembro de 2018

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Luisandro Mendes de Souza
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Sérgio de Moura Menuzzi
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Sonia Maria Lazzarini Cyrino
Departamento de Linguística
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor, amigo e inspiração Gabriel de Ávila Othero, que não apenas mostrou-me os caminhos necessários para este trabalho, mas que segurou minha mão sem nem saber que eu estava prestes a cair. Mil vezes obrigada pela confiança e paciência.

À minha família, pela preocupação, colaboração e por toda confiança, orgulho e respeito que sempre demonstrou diante das minhas escolhas.

Aos professores da Universidade e do programa de pós-graduação da UFRGS, que contribuíram para a minha trajetória acadêmica, em especial à professora Elisa Battisti, pela disposição e prontidão em colaborar com nossa pesquisa, juntamente com sua equipe.

Às minhas amigas/irmãs, que foram ao mesmo tempo sustentação e ponte para que, além de não desabar, eu pudesse atravessar os obstáculos pelo caminho encontrados: Anelise Kolling, Bárbara Machado, Camila Saute Torresini, Izabel Maria Lopes, Nathália Guazina e Renata Martins. Só vocês têm ideia de quanto apoio foi necessário ao longo desse trabalho.

Às gurias do futebol, que, inconscientemente, me passavam a energia e o sentimento de cuidado fundamentais para os últimos meses vividos, em especial à Ivanna Scandolaro e às manas Paola Bottega e Vitória Bottega.

Às minhas companheiras de pesquisa, que me auxiliaram na revisão do trabalho e me guiaram com o exemplo de suas experiências: Camila Schwanke Costa e Mônica Rigo Ayres.

Ao amigo e colega de pesquisa, por todas as discussões absurdamente relevantes, pelo bom humor, disposição e pela revisão do trabalho, Cesar Trindade de Oliveira.

Ao meu grande amigo, de ouvidos atentos e abraço apertado, que me assessorou acadêmica e sentimentalmente no processo de escrita deste trabalho, Giovane Fernandes Oliveira.

Às minhas colegas de trabalho e amigas Cláudia Abreu, Luise Pischke e Gislaine Muller.

Aos meus alunos que, mesmo tão pequenos, sempre foram gigantes em seu carinho e consideração.

A todos os meus amigos e colegas que não foram aqui citados, mas contribuíram diariamente para minha tranquilidade e realização deste trabalho.

Por fim, agradeço ao mundo, este tão plural e tão diversificado, que já colocou em meu caminho pessoas que nem sequer sabiam o meu nome, mas que se permitiram compartilhar suas vidas comigo com tanta disposição.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre dois fenômenos envolvendo pronomes – tanto sua expressão quanto sua omissão – que vêm ocorrendo de maneira concomitante no português brasileiro (PB) atual: a mudança paramétrica da retomada anafórica de 3ª pessoa na posição de objeto direto e o favorecimento do preenchimento pronominal da posição de sujeito. Realizamos uma pesquisa diacrônica que buscava alcançar três (3) objetivos: (i) verificar se houve aumento de sujeitos pronominalmente expressos no intervalo de 20 anos no Rio Grande do Sul (RS); (ii) verificar se houve aumento de objetos nulos na retomada anafórica num intervalo de 20 anos no RS; e (iii) verificar se o gênero semântico do referente pode ser o gatilho para a manifestação do pronome nas ocorrências de sujeito e de objeto direto anafórico pronominais, de maneira a unificar o tratamento da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa. Para este estudo, foram dois os *corpora* analisados: o *corpus* VARSUL, da década de 1990 e o *corpus* LínguaPOA, produzido e transcrito entre 2015 e 2018. Nossos resultados mostram que houve um aumento nas ocorrências de sujeito expresso pronominalmente no período de tempo analisado. Encontramos também um aumento na porcentagem de objetos nulos (ainda que baixo) ao compararmos os dados do VARSUL com os do LínguaPOA, os quais têm entre si uma janela cronológica de ± 20 anos. Segundo nossas análises, a distribuição de sujeitos nulos *vs* pronominalmente expressos e de objetos nulos *vs* pronomes plenos foi explicada de forma mais satisfatória com a hipótese do gênero semântico, permitindo perceber a vigência de dois diferentes princípios em conflito na língua: um de ordem geral, a queda do Princípio Evite Pronome; e um de ordem específica, baseado no traço de gênero semântico. Por fim, nossos resultados parecem tornar possível tratar de modo unificado os sujeitos e os objetos diretos anafóricos de 3ª pessoa, com relação aos fatores que condicionam o preenchimento das posições com pronomes ou categoria vazia.

Palavras-chave: Sujeito pronominal; Sujeito nulo; Retomada anafórica; Português Brasileiro.

RESUMEN

En este trabajo se presenta una investigación de dos fenómenos que implican pronombres – en su expresión y su omisión – que se han producido de forma concomitante en el portugués brasileño (PB) actual: el cambio paramétrico de la retomada anafórica de 3ª persona en posición de objeto directo y la preferencia por la expresión pronominal de la posición de sujeto. Realizamos una investigación diacrónica que buscaba alcanzar tres (3) objetivos: (i) verificar si hubo aumento de sujetos pronominalmente expresados en un periodo de 20 años en Rio Grande do Sul (RS); (ii) verificar si hubo aumento de objetos nulos en la retomada anafórica en 20 años en el RS; y (iii) verificar si la hipótesis del género semántico del referente puede ser el gatillo para la manifestación del pronombre en las ocurrencias de sujeto y de objeto directo anafórico pronominal, de manera a unificar el tratamiento de la omisión y de la expresión de sujetos y objetos directos pronominales de tercera persona. Para nuestra investigación, analizamos dos *corpora*: VARSUL, de los años 1990, y LinguaPOA, producido y transcrito entre los años de 2015 y 2018. Los resultados alcanzados presentan un aumento en las ocurrencias de sujeto expresado pronominalmente en el intervalo analizado de aproximadamente 20 años. También verificamos un aumento en el porcentaje de objetos nulos (aunque no tan relevante) al comparar los datos de VARSUL con los de LinguaPOA, los cuales contienen entre sí una ventana cronológica de ± 20 años. Según el análisis, la distribución de sujetos nulos vs pronominalmente expresados y de objetos nulos versus pronombres plenos fue explicada de forma más satisfactoria con la hipótesis del género semántico, permitiendo percibir la vigencia de dos diferentes principios en conflicto: uno de orden general, la caída del Principio Evite Pronombre; y uno de orden específico, basado en el género semántico. Por último, nuestros resultados parecen hacer posible tratar de modo unificado los sujetos y los objetos directos anafóricos de tercera persona con relación a los factores que condicionan la expresión de las posiciones con pronombres o categoría vacía.

Palabras-clave: Sujeto pronominal; Sujeto nulo; Retomada anafórica; Portugués Brasileño.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total de ocorrências sujeitos nulos e expressos pronominalmente encontradas nos corpora.	41
Tabela 2 - Total de ocorrências de objetos nulos e pronomes plenos encontradas nos corpora.	45
Tabela 3 - Retomada anafórica pronominal nos corpora NURC, VARSUL E LinguaPOA.	46
Tabela 4 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [±a, ±e].	49
Tabela 5 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com antecedente [±gs].	51
Tabela 6 - Distribuição, no corpus LinguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [±a, ±e].	54
Tabela 7 - Distribuição, no corpus LinguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [±gs].	55
Tabela 8 -Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes, no corpus VARSUL, com antecedentes [±a, ±e].	58
Tabela 9 - Retomada anafóricas de objeto nulo e pronominal do corpus VARSUL com antecedentes [±gs].	59
Tabela 10 - Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes plenos do corpus LinguaPOA com antecedentes [±a, ±e].	60
Tabela 11 - Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes plenos do corpus LinguaPOA com antecedentes [±gs].	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - A trajetória do sujeito preenchido ao longo do tempo.	19
Gráfico 2 - Continuando a análise de peças teatrais, desde Duarte (1993).	20
Gráfico 3 - Ocorrência de sujeito nulo na fala espontânea segundo a pessoa gramatical	23
Gráfico 4 - Distribuição das ocorrências de retomadas anafóricas de 3ª pessoa (%).	27
Gráfico 5 - Antecedentes classificados com base no traço de gênero semântico (%).	28
Gráfico 6 - A trajetória do sujeito preenchido ao longo do tempo.	42
Gráfico 7 - Ocorrências de sujeitos nulos e pronominalmente preenchidos nos corpora analisados.	43
Gráfico 8 - Ocorrências de objetos nulos e pronomes nos corpora analisados.	46
Gráfico 9 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [±a, ±e].	50
Gráfico 10 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [±a].	50
Gráfico 11 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [±gs].	52
Gráfico 12 - Distribuição, no corpus LínguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [±a, ±e].	54
Gráfico 13 - Distribuição, no corpus LínguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [±gs].	55
Gráfico 14 - Distribuição, no corpus VARSUL, de objeto nulo vs. pronominal com antecedentes [±a, ±e].	56
Gráfico 15 - Distribuição, no corpus VARSUL, de objeto nulo vs. pronominal com antecedentes [±gs].	57
Gráfico 16 - Distribuição, no corpus LínguaPOA, de objeto nulo vs. pleno com antecedentes [±a, ±e].	58
Gráfico 17 - Distribuição, no corpus LínguaPOA, de objeto nulo vs. pleno com antecedentes [±gs].	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - O paradigma flexional do verbo em três momentos do PB.	21
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000, p. 59).	29
Figura 2 - Registro e contabilidade dos referentes e seus traços semântico-pragmáticos.....	38
Figura 3 - Hierarquia de referencialidade e o traço de gênero semântico.	46

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	7
LISTA DE GRÁFICOS.....	8
LISTA DE QUADROS	9
LISTA DE FIGURAS	10
INTRODUÇÃO.....	13
1. OBJETIVOS, HIPÓTESES E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
1.1 Objetivos.....	16
1.2 Hipóteses.....	17
1.3 O Sujeito Nulo no Português Brasileiro	18
1.4 A Retomada Anafórica e o Objeto Nulo.....	25
1.5 Condicionamentos Semântico-pragmáticos.....	28
1.5.1 O traço de animacidade	31
1.5.2 O traço de especificidade.....	32
1.5.3 O traço de gênero semântico	33
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3. ANÁLISE E RESULTADOS.....	40
3.1 Hipótese (i): sujeitos nulos e pronominais.....	41
3.2 Hipóteses (ii) e (iii): objetos nulos e pronominais	44
3.3 Hipótese (iv): gênero semântico	47
3.3.1. Os traços semântico-pragmáticos na análise de sujeito.....	48
3.3.2. Traços semântico-pragmáticos na análise de objeto direto	57
4 DISCUSSÕES INTERESSANTES.....	62
4.1 Sujeito	62
4.1.1. Análise dos casos “destoantes” com pronomes.....	62
4.1.2. Análise dos casos “destoantes” com sujeitos nulos.....	66
4.2. Retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa	68

4.2.1. Análise dos casos “destoantes” com pronomes.....	69
4.2.2. Análise dos casos “destoantes” com categoria vazia.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Dois fenômenos envolvendo pronomes vêm ocorrendo de maneira concomitante no Português Brasileiro (doravante PB) atual, tanto para sua expressão quanto para sua omissão: primeiro, a mudança paramétrica da retomada anafórica de 3ª pessoa na posição de objeto direto; segundo, o favorecimento do preenchimento da posição de sujeito com unidades pronominais. Muitas pesquisas já discutiram a mudança paramétrica da retomada anafórica, seja com base em dados de língua escrita¹, língua falada² ou de aquisição da linguagem e linguagem infantil³. Verificou-se que a queda do clítico acusativo de terceira pessoa no português brasileiro (PB) cedeu lugar a duas diferentes estratégias de retomada anafórica na posição de objeto direto: o uso de pronome pleno ou de objeto nulo.

Em Spinelli (2016), analisamos os traços semântico-pragmáticos que acreditávamos envolvidos no condicionamento do uso de objeto nulo ou de pronome pleno na retomada anafórica (quais sejam, de animacidade, de especificidade e de gênero semântico), com base nas hipóteses de Duarte (1989, 1993), Cyrino (1994/1997) e Creus & Menuzzi (2004). Nos primeiros estudos sobre o assunto, Duarte (1993) aponta o traço de animacidade do referente como explicação para a escolha de uma das duas estratégias de retomada anafórica de terceira pessoa. Posteriormente, Cyrino (1994/1997) indica a combinação do traço de animacidade com o traço de especificidade do antecedente na influência da escolha da estratégia de retomada anafórica. Creus & Menuzzi (2004), por sua vez, entendem que o traço de gênero semântico pode atuar como condicionador para as duas estratégias em questão. A hipótese por eles apresentada é a de que, se o antecedente é marcado negativamente para o traço de gênero semântico, o objeto nulo será usado; se o antecedente tem gênero semântico marcado, o pronome pleno será usado.

No tocante ao sujeito, diversos trabalhos⁴ indicam uma transição no que se refere à marcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). As pesquisas que tratam do fenômeno do sujeito nulo *vs.* pronominal no PB mostram que o sujeito preenchido vem sendo uma estratégia cada vez mais recorrente na língua. O aumento do uso de objeto nulo e a

¹ Por exemplo, Duarte 1989, Cyrino 1994/1997, Pivetta 2015, entre outros.

² Como Pinto & Coelho 2016, Othero et al., 2016, Spinelli 2016.

³ Por exemplo, Casagrande 2007, 2012, Ayres 2016, Ayres & Othero 2016.

⁴ Por exemplo, Duarte 1993, 1995, 2012, Figueiredo Silva 1996, Kato 1999, Avelar & Cyrino 2008, Holmberg 2010, Roberts 2010, Duarte & Figueiredo Silva 2016.

diminuição dos índices de sujeito nulo são dois percursos opostos na língua que podem ter o mesmo fator condicionante: os mesmos traços semântico-pragmáticos. Cyrino, Duarte e Kato (2000) propuseram uma escala de referencialidade ao investigar a inter-relação desses dois fenômenos: elementos com o traço [+humano] estariam no ponto mais alto da hierarquia e teriam tendência de serem retomados por pronomes, e elementos não argumentais ocupariam o ponto mais baixo, com tendência de serem retomados por categoria vazia.

O presente trabalho se apresenta no sentido de propor uma explicação unificada para a omissão e a expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa com base num único traço – o de gênero semântico. Também acreditamos que os fenômenos *objeto nulo* e *sujeito pronominal expreso* têm motivações correlacionadas, porém seguiremos a ideia baseada na proposta de Creus & Menuzzi (2004) sobre o objeto nulo e pronominal em PB. Perseguiremos três objetivos principais: (i) verificar se as ocorrências de sujeito expreso pronominalmente diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado no Rio Grande do Sul (RS), através da análise de *corpora* orais; (ii) verificar se as ocorrências de objeto nulo diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado no RS; e (iii) verificar se o traço de gênero semântico poderia ser o gatilho para a manifestação do pronome nas ocorrências de sujeito e de objeto direto anafórico pronominais.

Para atingirmos nossos objetivos, realizamos análise de *corpora* de língua falada do RS, considerando os dados de retomada fórica do sujeito e anafórica do objeto realizada por meio de pronome e categoria vazia. Após a classificação de todos os referentes em relação aos traços de animacidade, especificidade e gênero semântico, procedemos à combinação dos traços de animacidade e especificidade para tentar entender o condicionamento da escolha entre o uso de pronome e categoria vazia tanto na função de sujeito quanto na de objeto. Em seguida, a mesma análise foi realizada sob o viés do traço de gênero semântico, isoladamente, para que pudéssemos estabelecer uma comparação entre as duas hipóteses para a explicação do fenômeno em questão. Ainda discutimos alguns casos que fugiram do condicionamento esperado, com o objetivo de tratar essa questão do modo mais completo possível.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentamos nossos objetivos, nossas hipóteses e discutimos brevemente o sujeito nulo no PB e os tipos de retomadas anafóricas. Nele também apresentamos os três traços analisados em nosso estudo. No capítulo 2, detalhamos a metodologia utilizada na nossa pesquisa. No capítulo 3, dedicamo-nos à análise de dados e aos resultados. As análises são divididas em casos de sujeito e de objeto direto de 3ª pessoa. O capítulo 4 traz um breve estudo sobre casos que não

“se adequaram” ao comportamento esperado segundo nossas hipóteses de trabalho. Na última seção, realizamos as considerações finais do nosso trabalho.

1. OBJETIVOS, HIPÓTESES E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Objetivos

Esta dissertação tem, basicamente, três objetivos, dois de natureza empírica (objetivos (i) e (ii)) e um de cunho teórico (objetivo (iii)):

- (i) verificar se as ocorrências de **sujeito expesso pronominalmente** diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado no Rio Grande do Sul, através da análise de *corpora* orais;
- (ii) verificar se as ocorrências de **objeto nulo** diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado no Rio Grande do Sul, através da análise de *corpora* orais;
- (iii) verificar se o traço de gênero semântico⁵ pode ser o gatilho para a manifestação do pronome nas ocorrências de sujeito e de objeto direto anafórico pronominais – tal como esboçamos em Spinelli (2016) e em Othero e Spinelli (no prelo).

⁵ O traço de gênero semântico se refere à classificação que diferencia substantivos que denotam seres sexuados de substantivos que denotam seres não sexuados. Mais especificamente, conforme explicam Othero e Schwanke (2018, p. 157, grifos dos autores), “o traço distingue substantivos que denotam sexo natural aparente, como *homem, mulher, professor, cachorro*, etc., de substantivos que não denotam sexo natural aparente, como *mesa, livro, vítima, cônjuge, boneco, tartaruga*”. Creus & Menuzzi (2004) sugerem que esse único traço pode explicar a distribuição entre os objetos nulos e pronominais na retomada anafórica em PB. Voltaremos a essa questão nas seções 1.5.3 e 3.3.

1.2 Hipóteses

Perseguiremos quatro hipóteses de pesquisa, baseando-nos em nossos objetivos:

- (i) nossa primeira hipótese é a de que encontraremos um número mais elevado de sujeitos expressos no *corpus* LínguaPOA (*corpus* de fala que contém dados dos anos de 2015 a 2018) do que no *corpus* VARSUL (com dados de fala da década de 1990);
- (ii) nossa segunda hipótese é a de que encontraremos, no *corpus* LínguaPOA, um número mais elevado de objetos nulos anafóricos do que na nossa amostra do *corpus* VARSUL;
- (iii) nossa terceira hipótese é a de que encontraremos, no *corpus* LínguaPOA, um número menor de clíticos pronominais de terceira pessoa do que na amostra do *corpus* VARSUL;
- (iv) nossa quarta hipótese é a de que o traço de gênero semântico é determinante para o condicionamento da retomada fórica do sujeito, assim como o é para a retomada anafórica do objeto, tal como segue: os referentes que têm gênero semântico expresso favorecem a retomada fórica por pronome, ao passo que os referentes que não têm gênero semântico favorecem a omissão do pronome, tanto na função de sujeito como de objeto direto.

1.3 O Sujeito Nulo no Português Brasileiro

Muitos trabalhos têm demonstrado que o PB passa por uma mudança no que se refere à marcação do valor do PSN⁶. Esse parâmetro foi proposto por Chomsky (1981) na busca por esclarecer diferenças entre línguas no que diz respeito à possibilidade da existência ou não de um sujeito nulo numa determinada língua. As pesquisas que tratam do fenômeno do sujeito nulo vs. pronominal no PB mostram que o sujeito preenchido vem sendo uma estratégia cada vez mais recorrente na língua. O estudo da realização dos sujeitos referenciais definidos se iniciou com Tarallo (1983); no entanto, foi Duarte (1993, 1995) quem primeiro buscou mostrar essa mudança em termos diacrônicos e paramétricos. Nas palavras de Duarte:

Meu interesse em examinar a realização dos sujeitos referenciais definidos foi despertado pelo próprio Tarallo (1983), que já atestara em cartas a assimetria “sujeitos expressos-objetos nulos” no português brasileiro (PB), apontada no mesmo ano no estudo formal de Moreira da Silva [cf. Moreira da Silva (1983)]. Meu capítulo “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil” [Duarte (1993)] permitiu observar a mudança em direção aos sujeitos pronominais expressos numa amostra de peças escritas e ambientadas no Rio de Janeiro, consideradas como representativas da fala de grupos sociais, particularmente urbanos, de cada época retratada. (DUARTE, 2012, p. 11)

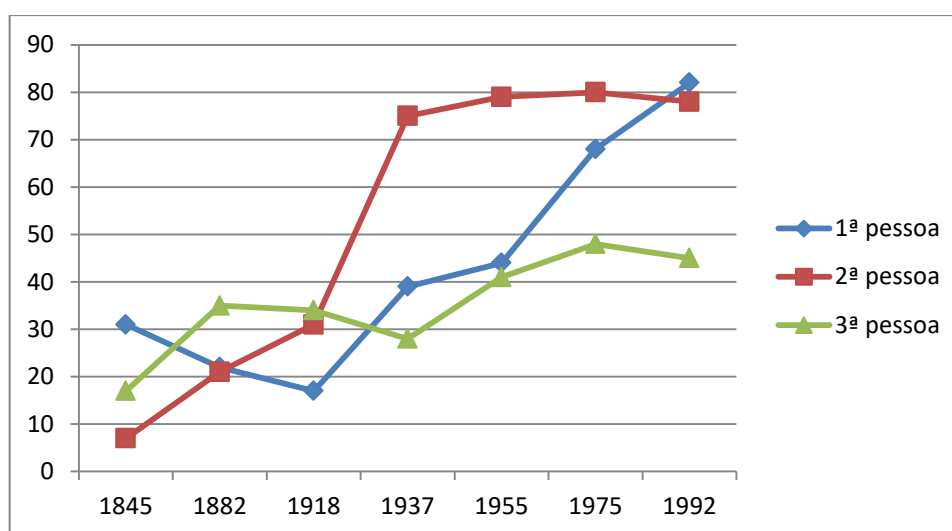
Duarte (1993) investigou o fenômeno do sujeito nulo (em comparação com o sujeito pronominal preenchido) em peças teatrais cariocas⁷ de caráter popular que compreendem o período de 1845 a 1992. Foi considerado apenas um autor por período analisado, totalizando 7 períodos e 7 autores, e foram coletadas para análise somente as primeiras 150 ocorrências de sujeitos das seis peças de 1845 a 1975 e as primeiras 200 ocorrências de sujeitos da peça de 1992. Nessa análise pioneira, foram levados em conta unicamente os sujeitos pronominais (nulos ou plenos) com referência definida, tendo sido excluídas as estruturas coordenadas com sujeitos correferentes, já que elas “parecem constituir um contexto universal para o uso do sujeito nulo” (DUARTE, 1993, p. 111). A autora demonstrou que o PB apresenta um declínio na ocorrência de sujeito nulo referencial definido e um consequente aumento do preenchimento do sujeito pronominal. Esses seriam os primeiros indícios de um processo de

⁶ Não discutiremos a questão sobre se o PB está em processo de mudança ainda não implementada com relação ao parâmetro *pro-drop*, ou se é uma língua de sujeito nulo parcial; remetemos o leitor a textos mencionados na introdução para discussão pertinente.

⁷ Peças de caráter popular analisadas: *O noviço* (Martins Pena, 1845), *Como se fazia um deputado* (França Jr., 1882), *O simpático Jeremias* (Gastão Tojeiro, 1918), *O hóspede do quarto n°2* (Armando Gonzaga, 1937), *Um elefante no caos* (Millôr Fernandes, 1955), *A mulher integral* (Carlos E. Novaes, 1975) e *No coração do Brasil* (Miguel Falabella, 1992).

mudança em progresso no PB: a preferência pela manifestação do sujeito (nesse caso, dos sujeitos pronominais). Além disso, foi possível notar que o percurso da mudança de sujeito nulo para sujeito pronominalmente preenchido se dava de forma diferente de acordo com a pessoa do discurso: nas duas últimas peças analisadas, os pronomes de 1ª e 2ª pessoas apresentavam índices semelhantes de sujeito preenchido, enquanto a 3ª pessoa, ainda que afetada pelo declínio do uso de sujeitos nulos, apresentava uma mudança um pouco mais lenta. O aumento gradativo no preenchimento de sujeito a cada período de tempo analisado por Duarte (1993) aparece sistematizado no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - A trajetória do sujeito preenchido ao longo do tempo.



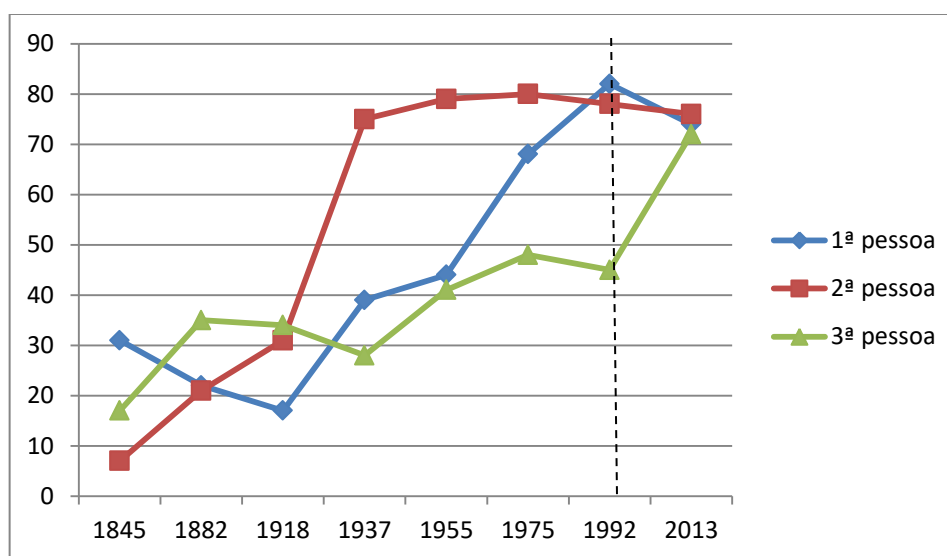
Fonte: Duarte (1993, p.117)

Com a análise do gráfico 1, percebe-se que, nos dois primeiros períodos, o *default* era o sujeito nulo, e, ainda que já houvesse sujeitos preenchidos, observa-se um comportamento prototípico de língua de sujeito nulo. A partir do começo do século XX, nota-se um aumento expressivo no índice de sujeitos de 2ª pessoa plenos. Nos casos de 1ª pessoa, a curva não é tão acentuada, mas é consistente em direção ao preenchimento do sujeito. Quando vemos a análise da 3ª pessoa, no entanto, logo percebemos um comportamento um pouco diferente. A assimetria entre os sujeitos pronominais de 1ª e 2ª pessoas, por um lado, e o sujeito de terceira pessoa, por outro, é inegável. É verdade que a 3ª pessoa é afetada por essa suposta mudança de parâmetro em curso, porém isso se dá de forma mais lenta. De qualquer maneira, Duarte (1993) mostra que o sujeito nulo é um fenômeno em declínio no PB.

Em investigação recente, Othero e Spinelli (no prelo) analisaram duas peças teatrais cariocas de 2011 e 2013, verificando que o PB está favorecendo o preenchimento de sujeitos

pronominais também na 3ª pessoa, algo que não havia sido constatado nos estudos de Duarte (1993, 1995). A ideia de Othero e Spinelli foi justamente a de dar continuidade a esses trabalhos pioneiros de Duarte, analisando peças teatrais mais recentes, a fim de verificar o uso de sujeitos pronominalmente preenchidos e nulos. Foram encontrados resultados semelhantes aos apresentados na análise da peça teatral de 1992 feita por Duarte (1993) no que se refere às 1ª e 2ª pessoas: esses sujeitos tendem a ser expressos (72% de ocorrências da primeira pessoa e 76,6% das ocorrências de segunda pessoa são expressos.). Já para a 3ª pessoa, observou-se um alto nível de preenchimento do sujeito pronominal, o que indica que o PB está favorecendo orações com sujeitos pronominais preenchidos foneticamente em todas as pessoas do discurso. No gráfico 2, estão apresentados os dados dos séculos XIX e XX de Duarte (1993) juntamente com os dados do século XXI analisados na pesquisa de Othero e Spinelli (no prelo):

Gráfico 2 - Continuando a análise de peças teatrais, desde Duarte (1993).



Fonte: Othero e Spinelli (no prelo, p. 4).

Observa-se, no gráfico 2, um efeito de continuidade com os dados encontrados por Duarte (1993). As ocorrências de sujeito preenchido na 3ª pessoa, que na análise de Duarte apresentaram grande assimetria em comparação com as ocorrências de 1ª e 2ª pessoas, aumentaram consideravelmente, mostrando que a referida assimetria – entre a 1ª e 2ª pessoas, de um lado, e a 3ª pessoa, de outro – deixou de existir.

As razões para essa mudança na língua ainda são investigadas. Neste trabalho, não é nossa intenção verificar essa questão, mas nos parece importante trazer um breve comentário sobre isso. Uma possível explicação para a perda do sujeito nulo como opção natural seria,

segundo Duarte (1993), a redução do paradigma verbal do PB, dada a “relação direta entre a riqueza flexional dos paradigmas verbais de uma língua e a possibilidade de omissão do sujeito em sentenças finitas” (DUARTE, 1993, p. 107). A redução do paradigma flexional do PB se dá devido ao

[...] resultado da entrada de novos pronomes, que se combinam com a forma verbal **sem** desinência distintiva e com o apagamento de algumas desinências, como a de 2ª pessoa <-s> e a de terceira do plural <-m>, em certas variedades ou contextos. (DUARTE, 2012, p. 22).

A inserção de *você* no quadro pronominal e a sua neutralização com o pronome *tu*, além da entrada do pronome *a gente* (que compete com o pronome *nós*), provocaram, de acordo com a autora, uma redução no número de oposições do paradigma verbal. Duarte (2012, p. 23, grifos da autora) explica que, durante os três primeiros momentos analisados (peças dos anos de 1845, 1882 e 1918), “o paradigma pronominal exibia *você* e *tu*, em distribuição complementar, com a primeira forma marcando um distanciamento em oposição à intimidade que caracterizava a segunda”. O paradigma pronominal dessa época, portanto, não constituía obstáculo ao licenciamento de um sujeito nulo nem à sua identificação, facilmente depreendida pela forma do verbo. Nos períodos posteriores, com o paradigma verbal enfraquecido (mais especificamente, com o enfraquecimento do sistema flexional número-pessoal do verbo), o sujeito nulo já não podia mais ser totalmente licenciado, evidenciando-se, então, a necessidade e a frequência do sujeito pronominalmente preenchido. Silva (2006) apresenta um quadro com os contrastes do paradigma verbal do PB em três momentos distintos, de modo a ilustrar mais claramente a mudança do paradigma verbal referida por Duarte (1993):

Quadro 1 - O paradigma flexional do verbo em três momentos do PB.

PESSOA	1º MOMENTO	2º MOMENTO	3º MOMENTO
1ª singular	(eu) falo	(eu) falo	(eu) falo
2ª singular	(tu) falas /(você) fala	você fala	tu fala / você fala
3ª singular	(ele) fala	ele fala	ele fala
1ª do plural	(nós) falamos	(nós) falamos	(nós) falamos / a gente fala
2ª do plural	(vós) falais	vocês falam	vocês fala(m)
3ª do plural	(eles) falam	eles falam	eles fala(m)

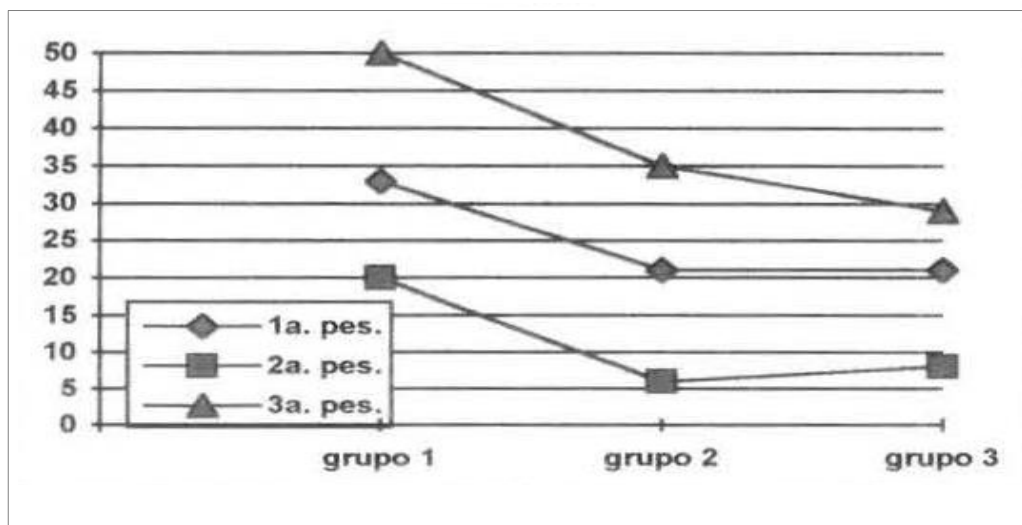
O quadro 1 ilustra a crescente simplificação nos paradigmas flexionais do verbo no PB. No primeiro momento, havia seis morfemas número-pessoais distintivos, fazendo do PB uma língua de morfologia verbal rica, de modo a licenciar, preferencialmente, sujeitos nulos. No segundo momento, que se inicia por volta dos anos 30 do século XX, conforme explica Silva:

Há dois sincretismos no paradigma: uma forma que serve para a segunda e a terceira pessoas do singular (representada pelo morfema <Ø>) e uma outra que serve para a segunda e a terceira do plural (representada pelo morfema <-m>). Como já foi dito, essa situação, segundo Duarte (1993), ainda mantém uma riqueza funcional, que explica os ainda altos índices de sujeitos nulos. (SILVA, 2006, p. 34)

No terceiro momento, a quantidade de morfemas distintivos na flexão verbal diminui para quatro, e, em algumas variedades em que a forma *a gente* já se generalizou, os morfemas distintivos são apenas três. Duarte (1993, p. 110) explica que, “com um paradigma de tal forma *empobrecido* ou *enfraquecido*, nada mais natural do que esperar alterações profundas na representação do sujeito pronominal”. No entanto, nos estudos de Duarte (1993), a 3ª pessoa não parece ser significativamente afetada por essa redução do paradigma verbal da língua, o que nos instigou a investigar mais a fundo essa questão.

Acreditando na hipótese de que o aumento dos sujeitos pronominais expressos não ocorre apenas em *corpus* escrito, mas também no PB falado, em sua tese de doutorado, Duarte (1995) realizou uma pesquisa sincrônica do PB à luz do parâmetro do sujeito nulo, com *corpus* constituído de 13 entrevistas. Seus dados são de gravações feitas em 1992 com 13 informantes cariocas, todos com formação superior, divididos em 3 grupos segundo a faixa-etária: de 25 a 32 anos, de 45 a 53 anos e de 59 a 74 anos. Os índices encontrados por Duarte (1995) podem ser visualizados no gráfico 3, que mostra a ocorrência de sujeitos nulos de referência definida de acordo com os grupos de faixa-etária.

Gráfico 3 - Ocorrência de sujeito nulo na fala espontânea segundo a pessoa gramatical



Fonte: Duarte (1995, p. 48)

Na totalidade dos grupos analisados, os percentuais de sujeito nulo são mais baixos na segunda pessoa: o grupo 1 apresenta 20% de sujeitos nulos, seguido pelos grupos 2 e 3, com 6% e 8%, respectivamente. A primeira pessoa apresenta percentuais de 33% de ocorrências de sujeitos nulos para o grupo 1 e 21% para os grupos 2 e 3. A terceira pessoa apresenta índices mais altos de sujeitos nulos, tendo como resultado 50% para o grupo 1, 35% para o grupo 2 e 29% para o grupo 3. Duarte (1995) chama a atenção para a hierarquia mantida nos três grupos, que seria reveladora de uma diferença mais acentuada entre os mais velhos (grupo 1), de um lado, e os grupos 2 e 3, de outro. Mais uma vez, a autora menciona a perda da “riqueza” flexional do PB, explicando que

Os efeitos da erosão do paradigma flexional/pronominal na perda do uso do sujeito nulo se fazem sentir gradualmente e não atuam uniformemente sobre todas as pessoas gramaticais. No caso do português, os resultados sugerem que a segunda pessoa foi a um só tempo a detonadora da mudança – graças à sua substituição pelos pronomes de tratamento (você(s), o(s) senhor(es)), que se combinam com formas verbais de terceira pessoa – e a que mais rapidamente incorporou seus efeitos, mostrando-se como um processo de mudança mais adiantado. (DUARTE, 1995, p. 49)

Com esse trabalho, Duarte (1995, p. 98) avaliou que, “mesmo ainda contando com um percentual expressivo de ocorrências de sujeito nulo de terceira pessoa, nosso sistema perdeu definitivamente as principais características de língua de sujeito nulo do tipo italiano”. A autora refere-se ao sujeito nulo no PB como residual, afinal comprovou a perda do contexto obrigatório do sujeito nulo referencial. No entanto, não se atesta uma mudança concluída na

remarcação do traço do parâmetro *pro-drop* em PB. Alguns trabalhos entendem, ainda, que o PB contemporâneo se constitui uma língua de sujeito nulo parcial, como Figueiredo Silva (1996), Holmberg (2010) e Roberts (2010). O que se revelou, a partir da amostra sincrônica de língua oral analisada por Duarte (1995), foi que

[...] o português brasileiro perdeu a propriedade que caracteriza as línguas de sujeito nulo do grupo *pro-drop* por força do enfraquecimento da flexão, responsável pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente “rica” para tal processo. [...] Essa perda, entretanto, não se reflete no uso da língua como uma mudança concluída. O PB atual convive com um sistema agonizante em que ainda se refletem as características *pro-drop*, e um sistema em desenvolvimento, em que a “riqueza funcional” perdida já não permite a identificação de *pro*. (DUARTE, 1995, p. 141)

Como mencionamos, a autora sinaliza os contextos em que a mudança ocorre mais rapidamente, identificando como início do processo a segunda pessoa, seguida pela primeira, e concluindo que “resiste mais bravamente a terceira pessoa, que conta com um ‘reforço’ de um SN antecedente no processo de identificação do sujeito nulo” (DUARTE, 1995, p. 142).

Em nosso trabalho, buscamos realizar um estudo diacrônico e recente sobre o uso do sujeito nulo em comparação com o sujeito pronominalmente expresso em PB falado. Focaremos na análise da terceira pessoa, devido à já referida diferença do seu processo de mudança em comparação com as demais pessoas do discurso (apesar de que, em Othero e Spinelli (no prelo), analisamos peças de teatro recentes e verificamos que o sujeito pronominal preenchido de 3ª pessoa apresenta os mesmos índices dos sujeitos de 1ª e 2ª pessoas). Buscamos ainda verificar se as ocorrências de sujeito expresso diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado no RS, por meio de análise de *corpora* orais. Ademais, buscamos analisar as ocorrências de objeto nulo, de modo a verificar se diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado no RS. Acreditamos que exista um traço semântico determinante para o condicionamento da retomada fórica do sujeito, bem como para a retomada anafórica do objeto, e que esse traço seja o de gênero semântico do referente/antecedente. Nas seções seguintes, apresentaremos nossa pesquisa acerca do objeto nulo e os traços semânticos considerados importantes no condicionamento de sujeitos e objetos.

1.4 A Retomada Anafórica e o Objeto Nulo

A retomada anafórica é uma estratégia do discurso para a retomada de um referente. A anáfora correferencial, mais especificamente – da qual tratamos em nosso trabalho –, “abrange qualquer processo em que duas expressões referenciais designam o mesmo referente” (CAVALCANTE, 2003, p. 5). Por isso, o referente e seu antecedente levam o mesmo índice de correferência, expresso pelo índice “_i” subscrito nos exemplos a seguir. A língua permite o uso de diversos recursos anafóricos em função de objeto, como o clítico acusativo (1), a substituição nominal (2), a elipse do nome do sintagma nominal (SN) (3), a repetição do SN (4), a categoria vazia (5) e o pronome pleno (6), conforme exemplos abaixo⁸:

- (1) Comprei [dois livros novos]_i mês passado, mas ainda não os_i li.
- (2) Vi [o Bruno]_i no show ontem e nem cumprimentei [o cara]_i.
- (3) Estava com muita vontade de comer [brigadeiro]_i, então fui na lancheria e comprei [dois]_i.
- (4) Vi [o Pedro]_i no plantão de matemática ontem, e antes de ir embora chamei [o Pedro]_i, ele precisa de muita ajuda pra passar na prova.
- (5) Eu nunca fico endividado no fim do mês: assim que chegam [as contas]_i, eu pago Ø_i.
- (6) Encontramos [o Paulo]_i no shopping ontem e cumprimentamos [ele]_i.

Segundo Monteiro (1994, p. 59), o recurso mais frequente para a retomada anafórica de objeto, “porque com ele se evitam redundâncias desnecessárias, é a pronominalização. Por este processo, um elemento linguístico atua sobre um outro que lhe é correferencial, transformando-o em pronome”. No entanto, o próprio Monteiro (1994) alerta para o fato de que, no PB, os pronomes clíticos se mantêm apenas para as retomadas de 1^a e 2^a pessoas. Ou seja, como também demonstra Cyrino (1994/1997), o uso do clítico já não é a forma

⁸ Com exceção destes seis exemplos e do exemplo (14), todos os demais exemplos dessa dissertação serão retirados dos *corpora* de análise.

preferencial para a retomada anafórica de 3ª pessoa na modalidade da fala. Segundo Cyrino (1997), o clítico acusativo de 3ª pessoa é a forma menos usada para a retomada anafórica do objeto direto no PB desde o século XIX. Para Galves (2001 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 2), “esse tipo de clítico não é mais produzido pela gramática nuclear da língua, que legitima apenas clíticos de primeira e segunda pessoas”. Amaral (2004), por sua vez, afirma que a retomada anafórica por meio de pronomes clíticos ocorre quase exclusivamente em textos escritos e na fala culta, sendo pouco frequente mesmo entre falantes com maior grau de instrução. Essa informação vai ao encontro de Nunes (1996), que confere a manutenção dos clíticos de 3ª pessoa à ação normativa da escola.

Em Spinelli (2016), verificamos que a retomada anafórica de terceira pessoa no PB se dá majoritariamente por meio de um elemento vazio, o objeto nulo – conforme já haviam atestado diversos outros trabalhos sobre o assunto em PB, tais como Duarte (1986), Cyrino (1994/1997), Monteiro (1994), Nunes (1996), Schwenter e Silva (2003), Bagno (2011), Pivetta (2015), entre outros. Nos exemplos abaixo, ilustramos três casos de retomada anafórica; os exemplos (7) e (8) ilustram a retomada por meio de objeto nulo e o exemplo (9) ilustra a retomada por meio de pronome pleno, todos retirados do *corpus* que estamos usando para nossa pesquisa corrente, o *corpus* *LinguaPOA*⁹:

(7) Eles fazem [artigos em couro, sapato, bolsa]_i. Expõem \emptyset _i no brique.

(8) O JP nunca pediu [telefone]_i, nunca. Ele não tem \emptyset _i, ele é bem ingênuo assim nesse sentido assim.

(9) [A minha vó]_i era meio surda e eu acompanhava [ela]_i sempre que ela ia no centro.

A queda do clítico acusativo de terceira pessoa no PB deu lugar a duas diferentes estratégias de retomada anafórica: o uso de pronome pleno e o uso de objeto nulo. As duas estratégias mencionadas não ocorrem de forma aleatória: há uma forte tendência de que a escolha entre retomada anafórica com pronome pleno ou com objeto nulo seja um fenômeno de distribuição complementar – ou que está se encaminhando para a distribuição complementar (OTHERO et al., 2016). Segundo Ayres (2016, p. 15), “a escolha dos falantes pela retomada com pronome pleno ou objeto nulo não é aleatória; essa escolha se dá por causa de traços semânticos (e talvez discursivos) do referente da anáfora pronominal”. Existem duas

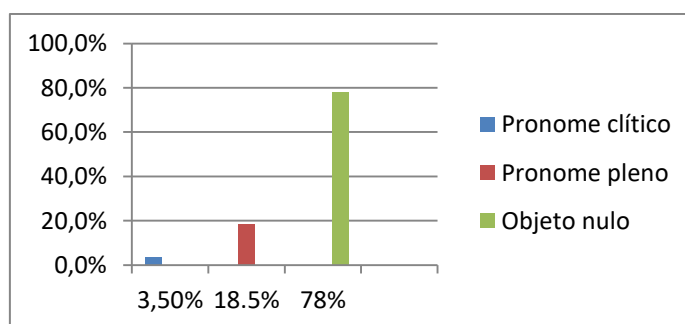
⁹ Sobre o *LinguaPOA*, ver capítulo 2.

hipóteses acerca dos traços semântico-pragmáticos do referente, que condicionariam a escolha de retomada por pronome pleno ou objeto nulo. Grande parte da literatura, como Duarte (1993), Cyrino (1993, 1994/1997) e Schwenter & Silva (2003), entre outros, defende que os traços de animacidade e especificidade do antecedente são condicionadores da escolha entre objeto nulo ou pronome pleno. Creus & Menuzzi (2004), por outro lado, propuseram a chamada “hipótese do gênero semântico”. Para eles, é a noção de gênero semântico que permite “reformular as generalizações básicas do sistema de anáfora de objeto do PB, não mais em termos do traço de animacidade, mas de uma propriedade a ele associada – a presença ou não de gênero semântico” (CREUS; MENUZZI, 2004, p. 160).

A pesquisa de Spinelli (2016) foi feita através da análise dos traços de animacidade, especificidade e de gênero semântico dos referentes de 376 ocorrências de retomada anafórica em posição de objeto encontradas (destas, 279 foram ocorrências de 3ª pessoa). Essa pesquisa permitiu-nos concluir que (i) o objeto nulo é a estratégia predominante para a retomada anafórica de terceira pessoa em língua falada; e (ii) que o traço de gênero semântico condiciona de forma mais satisfatória e econômica a escolha entre pronomes plenos e objetos nulos.

O gráfico 4 ilustra os resultados aos quais chegamos em Spinelli (2016) em relação às retomadas anafóricas de 3ª pessoa:

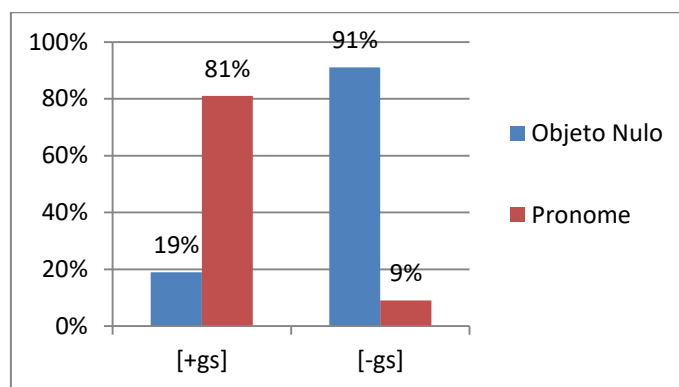
Gráfico 4 - Distribuição das ocorrências de retomadas anafóricas de 3ª pessoa (%).



Observamos que 78% das retomadas anafóricas de terceira pessoa foram feitas por meio de objeto nulo, em contraste com 18,5% de retomadas por meio de pronome pleno. Ainda verificamos uma porcentagem bem baixa de pronomes clíticos, porém acreditamos que se trate de uma ocorrência residual, pois os 10 pronomes clíticos encontrados foram retirados da mesma entrevista (i.e. foram produzidas pelo mesmo falante). Em Spinelli (2016), verificamos que a hipótese do gênero semântico, de Creus & Menuzzi (2004), explica o

fenômeno da retomada anafórica de objeto em PB de maneira mais acurada, porque polariza melhor os resultados (isto é, traz resultados mais categóricos). Na análise feita, dos 279 antecedentes de 3ª pessoa que encontramos no *corpus*, 51 foram marcados com [+gs] e 228 foram marcados com o traço [-gs]. O gráfico 5 ilustra melhor os dados:

Gráfico 5 - Antecedentes classificados com base no traço de gênero semântico (%).



Fonte: Spinelli (2016, p. 47)

Como podemos ver no gráfico acima, encontramos uma forte tendência de os antecedentes marcados com [+gs] serem retomados por pronomes, ainda que o resultado não seja categórico (81%). Quando o referente é marcado com o traço [-gs], está claro que existe uma tendência categórica de 91% de que a retomada seja feita por meio de um objeto nulo. É fácil perceber que, apenas com o traço de gênero semântico, a polarização dos resultados fica evidente: temos uma maioria categórica de objetos nulos retomando antecedentes com o traço [-gs], e uma porcentagem bem alta (ainda que não categórica) de pronomes plenos retomando referentes com gênero semântico¹⁰. A hipótese do gênero semântico, a qual explicaremos com mais detalhes na seção seguinte, mostra-se uma maneira mais econômica de explicar a escolha entre objetos nulos e pronomes plenos, pois utiliza a análise de apenas um traço semântico do referente e polariza melhor os resultados.

1.5 Condicionamentos Semântico-pragmáticos

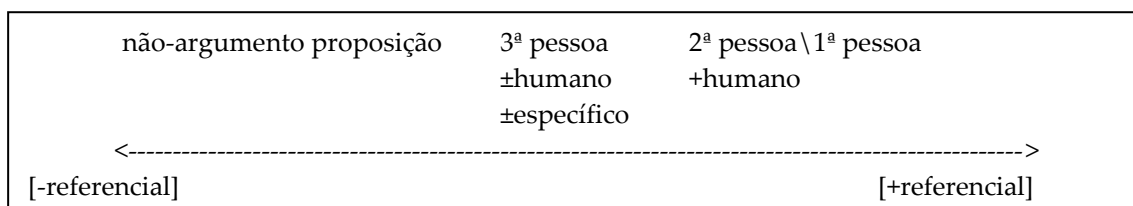
O preenchimento ou não da posição de objeto e de sujeito fóricos pode ser explicado pelos seus traços semânticos, como já havíamos antecipado. Tarallo (1983), em trabalho

¹⁰ O condicionamento da retomada anafórica será discutido com mais detalhes no capítulo 3 deste trabalho.

pioneiro, observou em cartas a presença da assimetria “sujeitos expressos – objetos nulos” no PB. Duarte (1993), como já citamos, trouxe à tona a mudança em direção aos sujeitos expressos pronominalmente por meio de análise de peças teatrais cariocas, e Cyrino (1993, 1997) demonstrou a implementação do objeto nulo em PB. O aumento do uso de objeto nulo e a diminuição dos índices de sujeito nulo são dois percursos opostos na língua que podem ter o mesmo fator condicionante: os mesmos traços semântico-pragmáticos.

Cyrino, Duarte e Kato (2000) investigaram a inter-relação desses processos e concluíram que “a referencialidade do sujeito e do objeto se mostrava altamente significativa interlinguisticamente para processos de mudança envolvendo a pronominalização” (DUARTE, 2012, p. 12). O trio de pesquisadoras propôs, então, uma hierarquia referencial. Segundo sua hierarquia de referencialidade (ilustrada na figura 1 abaixo), elementos com o traço [+humano] estariam no ponto mais alto da hierarquia e elementos não argumentais ocupariam o ponto mais baixo.

Figura 1 - Hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000, p. 59).



Conforme a escala proposta, os referentes mais altos na hierarquia têm tendência de serem retomados por pronomes, enquanto referentes mais baixos na hierarquia geralmente são retomados por sujeitos nulos. Para as autoras, a hierarquia de referencialidade justifica o início de mudança da pronominalização do sujeito no PB pelos pronomes de segunda e terceiras pessoas, afinal estes são inerentemente humanos, estando no ponto mais alto da hierarquia. Silva (2006) explica que o preenchimento do sujeito se inicia pela 1ª e 2ª pessoas, passando a atingir a 3ª pessoa a partir dos referentes [+humano] e [+específico]; os índices de sujeitos nulos são mais altos quando os traços são [-humano] e [-específico], porém mesmo nesses casos já se nota a mudança para o uso do sujeito pleno em sua maioria (cf. Duarte 1995).

No caso do objeto nulo, a mudança em direção ao predomínio da categoria vazia teria começado pelos antecedentes com menor referencialidade. Duarte explica a correlação objeto nulo – sujeito expresso, afirmando que

No caso específico dos dois processos de mudança em curso observados no PB, embora eles pareçam ter motivações independentes, foi possível concluir que eram ambos guiados pela mesma hierarquia de referencialidade. O objeto nulo se implementou no sistema a partir dos antecedentes com menor referencialidade, exatamente os que têm como antecedente uma proposição, para só mais tarde atingir os antecedentes representados por um SN, iniciando pelos que exibiam o traço [-específico]/[-animado] [...]. Os sujeitos pronominais plenos, seguindo caminho inverso, começaram a se implementar a partir dos itens mais referenciais – os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, atingem mais lentamente a 3ª pessoa, a começar pelos antecedentes com traço [+humano], e progridem mais lentamente com referentes de 3ª pessoa. (DUARTE, 2012, p. 12)

Também acreditamos que os fenômenos *objeto nulo* e *sujeito expresso* têm motivações correlacionadas, porém seguiremos, neste trabalho, uma ideia baseada na proposta de Creus & Menuzzi (2004) sobre o objeto nulo e pronominal em PB (que já perseguimos parcialmente em Spinelli 2016, quando mostramos como o traço de gênero semântico parece explicar a distribuição entre objeto nulo *versus* objeto direto pronominal anafórico). Como dissemos, C&M (2004) propuseram a *hipótese do gênero semântico*, que delega ao traço de gênero semântico o fator determinante para o uso de pronomes plenos ou elementos vazios na função de objeto direto anafórico em PB. Creus & Menuzzi (2004, p. 150) acreditam que “os efeitos dos traços de animacidade e especificidade [...] podem ser preditos por uma oposição única: a oposição entre os antecedentes que possuem e os que não possuem gênero semântico”. Othero e Schwanke explicam que

O traço de gênero semântico diz respeito à classificação que distingue substantivos que denotam seres sexuados de substantivos que denotam seres não sexuados; ou, talvez de forma mais precisa, o traço distingue substantivos que denotam sexo natural aparente, como *homem*, *mulher*, *professor*, *cachorro*, etc., de substantivos que não denotam sexo natural aparente, como *mesa*, *livro*, *vítima*, *cônjuge*, *boneco*, *tartaruga*, etc. Referentes inanimados são marcados negativamente para esse traço; substantivos animados, contudo, não possuem necessariamente um gênero semântico específico: *pessoa*, *habitante*, *estudante*, etc. Ou seja, alguns substantivos possuem gênero gramatical, mas não gênero semântico inerente. A hipótese de Creus & Menuzzi (2004) é, basicamente, de que o traço de gênero semântico do referente atua como gatilho essencial para a retomada anafórica de objetos em terceira pessoa. (OTHERO e SCHWANKE, 2018, p. 156-7)

Acreditamos que a ideia básica por trás dessa hipótese seja a de que existem três tipos pronominais de 3ª pessoa, que são utilizados para referência (anafórica ou exofórica), tanto de sujeitos como de objetos em PB. São elas:

Ele – masculino

Ela – feminino

∅ – não especificado para gênero¹¹

Nos casos em que o referente tem gênero semântico explícito (*o marido, uma professora, o cachorro*, etc.), sua retomada deve ser preferencialmente feita por um pronome (masculino ou feminino); nos casos em que o referente é marcado como [-gênero semântico] (*a mesa, a vítima, uma testemunha*, etc.), sua retomada deve ocorrer preferencialmente por meio de um elemento vazio (∅). Acreditamos que sujeitos pronominais têm a tendência de apontar para referentes que apresentam gênero semântico aparente, enquanto sujeitos nulos têm a tendência de indicar referentes sem gênero semântico. Como mencionamos, essa investigação com base na hipótese do gênero semântico já foi feita na análise das retomadas de objeto direto (cf. Creus & Menuzzi 2004, Pivetta 2015, Othero et al. 2016, Othero e Schwanke 2018, Othero e Spinelli no prelo; agora, pretendemos investigar se essa hipótese pode estar relacionada com a distribuição entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais. Nas próximas seções, apresentaremos os traços semântico-pragmáticos envolvidos em nossa pesquisa e os ilustraremos com exemplos de nossos *corpora*.

1.5.1 O traço de animacidade

O traço de animacidade é designado aos seres que, assim como a espécie humana, apresentam algum tipo de vida – como gatos, cachorros, etc. Ele não pode ser confundido, porém, com o traço [+humano], uma vez que há seres animados que não são humanos. Duarte (1989) refere-se ao traço de animacidade do antecedente como um fator condicionador para a escolha entre objeto nulo e pronome pleno, sendo preferência de retomada anafórica por pronome pleno quando o antecedente for [+animado] e preferência pela categoria vazia se o antecedente tiver o traço [-animado], como podemos ver nos seguintes exemplos:

- (10) Mas aí é bem numa hora que [o JP]_i tá pedindo a minha atenção, né... ou banho ou janta ou alguma coisa, aí eu vou atender ele_i.

¹¹ Este é um sistema próximo ao que encontramos nas línguas germânicas. O sistema pronominal de 3ª pessoa em inglês e alemão, por exemplo, costuma ser guiado pelo gênero semântico do referente/antecedente do pronome. Em inglês, *he* é usado com referentes masculinos, *she* com referentes femininos e *it* com referentes não especificados para gênero.

- (11) E ele compra de vez em quando [areia]_i pra mim, porque ele trabalha no Iguatemi, daí às vezes me esqueço da areia, ligo, ele traz Ø_i.

Em (10), o antecedente *JP* apresenta o traço [+animado] e, dessa maneira, parece mais natural retomá-lo por meio do pronome pleno *ele*. Em (11), pelo contrário, é controversa a aceitabilidade de retomada de *areia* com um pronome pleno: o referente em (11) possui o traço [-animado] e essa seria a razão para que fosse retomado por meio de objeto nulo. Nos exemplos de sujeito, podemos observar ocorrências semelhantes:

- (12) Não tenho pratos muito variados, [o Mariano]_i não gosta de muita coisa. Ele_i não gosta de lasanha, ele_i não gosta de... coisas diferentes, ele_i não gosta.
- (13) Então, a gente levou uma hora e meia para subir e na descida, né? Bem mais rápido sempre, né? Acho que levei, sei lá, acho que levei umas três horas n[o passeio]_i todo. Ø_i Foi um dos passeios mais bonitos que eu fiz lá, achei muito bonito mesmo.

Em (12), temos a utilização de um pronome pleno na função de sujeito, já que o referente *Mariano* é [+animado]. No exemplo (13), um sujeito nulo retoma um referente inanimado – o passeio (note que nessa frase também há um objeto nulo com esse mesmo referente [-animado], não sinalizado no exemplo devido à atenção do caso voltada para o sujeito). Cyrino (1994/1997) chama a atenção para o fato de que o traço de animacidade, no entanto, não atua como um fator isolado para a ocorrência de pronome pleno ou objeto nulo. Segundo a autora, o traço de especificidade do antecedente também se configura como relevante para a escolha em questão. Essa observação veio à tona quando, a partir do século XIX, Cyrino verifica que o PB passa a favorecer objetos nulos quando o antecedente é também [+específico].

1.5.2 O traço de especificidade

A especificidade, ao contrário da animacidade, é um traço discursivo. É necessário analisar o contexto em que o referente ocorre para definirmos se ele será específico ou não. Isso independe, como demonstra Ayres (2016), da presença ou da ausência de artigo definido no antecedente: um referente com artigo indefinido pode ser específico e um antecedente com

artigo definido pode não ter uma identificação única no discurso, tendo a marcação *menos* para esse traço. É o que vemos no exemplo abaixo:

(14) *Uma menina* passou por mim e gritou muito alto.

O sintagma nominal *uma menina* é um referente específico na mente do falante, que registrou o momento em que a menina que gritou muito alto passou por ele, e não uma menina qualquer – não tendo implicação na classificação o artigo indefinido que o acompanha. O raciocínio é completo quando percebemos que “um objeto direto é específico se, de acordo com a perspectiva do falante, o referente tem uma única identificação. Caso não haja um único referente, não é específico” (Cyrino, em comunicação pessoal, *apud* Pivetta 2015, p. 57). Compreendido isso, podemos analisar uma frase retirada de nosso *corpus*:

(15) Eu vou tirar a mesa, desmontar [a mesa da sala]_i e botar Ø_i no chão.

No exemplo (15), o antecedente *a mesa da sala* é [+específico] porque tem uma única identificação sob a perspectiva do falante (é a mesa da sala de sua casa, e não qualquer outra mesa). O exemplo (15) vai ao encontro dos resultados de Cyrino (1994/1997), que constatam que o número de objetos nulos aumenta no século XIX, especialmente com antecedentes [-animado, +específico], como é o caso do nosso exemplo.

Entretanto, estudos mais recentes sugerem que o traço de animacidade é o traço relevante na retomada anafórica pronominal ou por objeto nulo. Foi essa desconfiância, justamente, que levou Creus & Menuzzi (2004) a formularem uma alternativa à hipótese da combinação dos traços de animacidade e especificidade (cf., por exemplo, Coelho et al 2017 e Othero et al 2018).

1.5.3 O traço de gênero semântico

Diferenciando-se do gênero gramatical, o gênero semântico diz respeito à classificação semântica do substantivo e se refere aos substantivos que nomeiam seres com sexo natural identificável. Para que não haja confusão entre as terminologias, Creus & Menuzzi (2004, p. 152) alertam que

O conceito de “gênero gramatical” refere-se à classificação morfossintática dos substantivos, isto é, aquela que determina suas relações de concordância gramatical. Em português, há duas classes morfossintáticas de substantivos, os de “gênero masculino” e os de “gênero feminino”. Estas classes podem ser marcadas pela desinência mórfica do próprio vocábulo, ou somente se manifestam pelo sistema de concordância (com os artigos definidos, por exemplo: *o menino/carro; a menina/mesa; o paciente/ problema; a paciente/mão*). Note-se que possuem “gênero gramatical” todos os substantivos do português – não apenas os que denotam referentes animados (*menino, paciente*, etc.) como também os que denotam referentes inanimados (*mesa, problema*, etc.).

Ainda que todos os substantivos tenham gênero gramatical, apenas alguns poucos deles possuirão gênero semântico. Entre os exemplos elencados por Creus & Menuzzi, apenas *o menino, a menina, o paciente e a paciente* possuem o traço [+gênero semântico]. Segundo Creus & Menuzzi, é a noção de gênero semântico que permite “reformular as generalizações básicas do sistema de anáfora de objeto do PB, não mais em termos do traço de animacidade, mas de uma propriedade a ele associada – a presença ou não de gênero semântico” (2004, p. 160). Os autores argumentam que as formas *ele/ela* portam especificações de gênero (retomando, então, referentes com o traço [+gênero semântico]), enquanto os objetos nulos são justamente não especificados para gênero (retomando, portanto, antecedentes de traço [-gênero semântico]).

Othero e Schwanke (2018) chamam a atenção para o fato de que referentes inanimados são marcados negativamente para o traço de gênero semântico, porém não necessariamente todos os referentes animados terão gênero semântico marcado, a exemplo de *habitante, pessoas, estudante*, etc. Abaixo, mostramos exemplos de retomadas anafóricas e de sujeitos expressos e nulos, analisando o gênero semântico do referente:

- (16) Se tivesse [uma lotação]_i lá de vez em quando pra ti respirar um pouquinho, tu poderia pegar \emptyset _i, ir sentadinha no ar.
- (17) Em dezembro, [essa minha vó]_i que morava com a gente, ela era uma excelente cozinheira de doces. Ela fazia [amanteigados]_j pra vender e eu ajudava ela_i a pintar \emptyset _j e decorar \emptyset _j.
- (18) Tem um programa no mundo que alguns projetos de pesquisa se submetem, aplicam, pra poder participar disso e ganhar uma grana com isso, que tu recebe [pessoas que querem tirar férias trabalhando em projetos de pesquisa]_i, que é o World Watch. Daí, ãã, \emptyset _i vieram, eu trabalhei nesse projeto que era de observação de golfinho.

- (19) [O João]_i tem uma particularidade, também, porque ele_i morava lá quando Ø_i era criança, ele_i nasceu na zona sul, então ele_i tem um carinho especial pela zona sul e eu também gosto, então a gente, a gente, moraria lá com certeza.

O exemplo (16) apresenta um objeto inanimado e sem gênero semântico, *uma lotação*, sendo retomado pela categoria vazia, o objeto nulo. O exemplo (17) é muito interessante porque ilustra, em um mesmo trecho, um objeto com gênero semântico marcado (*minha vó*) sendo retomado por pronome pleno *ela* e objetos inanimados e sem gênero semântico (*amanteigados*) sendo retomados por meio da categoria vazia. Ainda podemos registrar a manifestação do sujeito pronominalmente expresso no exemplo (17), que apresenta o preenchimento de todas as funções de sujeito referente à avó com o pronome pleno *ela*. Os exemplos (18) e (19) se referem ao sujeito: em (18), o referente *pessoas que querem tirar férias trabalhando em projetos de pesquisa* é animado, porém marcado negativamente para o traço de gênero semântico – e se manifesta como sujeito nulo na oração seguinte; em (19), o sujeito (*João*) tem gênero semântico marcado e tem sua manifestação por meio de pronome pleno.

Considerando os resultados de Creus & Menuzzi para o gênero semântico, bem como os de Duarte (1993) e Cyrino (1994/1997) para os traços de animacidade e especificidade – no que se refere à retomada anafórica –, neste trabalho visamos analisar o condicionamento da retomada fórica do sujeito e da retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa por meio de pronome ou categoria vazia na modalidade oral da língua. Os *corpora* para isso utilizado foram os do VARSUL e LinguaPOA, que serão mais bem detalhados no capítulo subsequente.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizamos, neste trabalho, dois *corpora* do PB falado, um deles, do projeto VARSUL, da década de 1990 e outro do projeto LínguaPOA, produzido e transcrito entre 2015 e 2018.

O projeto VARSUL promove a descrição do português falado e escrito da região sul do Brasil por meio da parceria com quatro universidades brasileiras, quais sejam: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). O acervo base do projeto é constituído de 288 entrevistas distribuídas igualmente entre os estados da região sul, sendo realizadas 24 entrevistas em cada município participante. Criado no ano de 1982 a partir da proposta da professora Leda Bisol, este projeto busca proporcionar subsídios para a descrição da língua falada no Brasil, de maneira a criar condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas, promovendo o conhecimento das variedades linguísticas (cf. Bisol, Menon & Tasca (2008), Collischonn & Monaretto (2012), Bisol & Monaretto (2016)).

O LínguaPOA é um acervo de entrevistas sociolinguísticas de informantes da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. As entrevistas resultam da conversação entre entrevistador e entrevistado, seguindo um roteiro de perguntas voltadas a provocar narrativas de experiência pessoal, descrições e apreciações sobre lugares de Porto Alegre. O acervo LínguaPOA é um dos resultados do projeto *Varição fonético-fonológica e classe social na comunidade de fala de Porto Alegre* (março 2015-fevereiro de 2019), coordenado pela Profa. Dra. Elisa Battisti, do PPGLetras-Ufrgs e registrado no CNPq. São entrevistados pelo LínguaPOA informantes que tenham ou nascido em Porto Alegre (POA) ou se mudado para POA até os 5 anos de idade e tenham vivido a maior parte de suas vidas nessa cidade. Para o desenvolvimento do projeto, são observados os seguintes critérios de estratificação:

- 4 zonas: Centro (Central), Norte, Sul, Leste
- 2 bairros por zona (por renda média mensal em salários mínimos, cf. ObservaPoa (www.observapoa.com.br))
- 3 grupos etários: 20-39 anos, 40-59 anos, 60 ou mais anos

- 3 níveis de escolaridade: fundamental, Médio, Superior
- 2 gêneros: masculino e feminino¹²

Este estudo consiste, como mencionamos, na análise de *corpus* de língua falada, totalizando 12 entrevistas realizadas na cidade de Porto Alegre, sendo 6 entrevistas do VARSUL e 6 entrevistas do *corpus* LínguaPOA. As entrevistas são compostas por diálogos entre entrevistador e entrevistado, tratando-se, portanto, de amostras de fala espontânea. São 12 diferentes informantes acima de 25 anos, totalizando 212 páginas de língua falada transcrita, com um total de 112.415 palavras. Os condicionamentos sociais não foram considerados em nosso trabalho.

Realizamos a análise da transcrição das 12 entrevistas no tocante à retomada anafórica da 3ª pessoa (singular e plural) e ao preenchimento (ou não) do sujeito de 3ª pessoa. Nosso primeiro trabalho foi ler as entrevistas transcritas e assinalar todas as retomadas anafóricas de objeto com pronomes ou objetos nulos (ONs). Ao mesmo tempo, identificamos os sintagmas nominais (SNs) antecedentes e os classificamos de acordo com os traços de animacidade, especificidade e gênero semântico. Foram considerados os dados de retomada anafórica de 3ª pessoa realizada por meio de pronome pleno e objeto nulo. Posteriormente, relemos todas as 12 entrevistas com o objetivo de identificar, dessa vez, as ocorrências de sujeitos nulos e pronominalmente expressos. A cada ocorrência de sujeito pronominal ou nulo, buscamos o referente e analisamos seus traços de animacidade, especificidade e gênero semântico, atribuindo uma marcação de *mais* ou *menos* para cada um deles.

Cada referente deve ser analisado em seu contexto, afinal o valor de cada um dos traços pode mudar de acordo com as ocorrências. Abaixo, apresentamos dois exemplos com referentes que, a princípio, se analisados independentemente de seu contexto, poderiam ter os mesmos traços semântico-pragmáticos. Entretanto, levando em consideração o contexto de cada ocorrência, cada referente foi classificado de forma diferente para os traços de especificidade e gênero semântico:

- (1) [O paulista]_i eu já acho meio enjoado, né? [...] Agora [o paulista]_i já é assim. E depois eu fui e fiquei mais tempo em São Paulo, fiquei muito mais tempo longe de praia, longe de qualquer outra coisa, fiquei na cidade. Ele_i tem muito mais marcação, é um pessoal mais sério.

¹² Informações retiradas do website <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>, no dia 20 de setembro de 2018.

- (2) Esses tempos apareceu [um haitiano]_i e foi bem, assim, na época que eu ainda tava com algumas quentinhas do inglês aqui e ele_i falava inglês, ele_i falava francês e o crioulo.

Observe que, no exemplo (1), o SN *o paulista* é [-específico], independente de estar sendo introduzido por um artigo definido, pois se refere a uma pessoa qualquer que tenha nascido no estado de São Paulo. Como não se refere diretamente a um homem ou a uma mulher conhecido pelo falante, esse SN também é marcado como [-gênero semântico]. No exemplo (2), o SN *um haitiano*, por outro lado, é [+específico] e [+gênero semântico], afinal se refere a um homem haitiano conhecido pelo falante.

Listamos todos os referentes encontrados, registramos seus traços semântico-pragmáticos e os separamos pelo tipo de retomada anafórica quando pesquisando objetos diretos e, no caso da análise do sujeito, pela expressão pronominal ou omissão fonética do sujeito. A figura 2 ilustra parte da nossa base de dados. Os códigos ao lado do referente (como *pg1doc1*) são convenções criadas por nós para encontrarmos os exemplos mais facilmente nas entrevistas, caso necessário.

Figura 2 - Registro e contabilidade dos referentes e seus traços semântico-pragmáticos.

	A	B	C	D	E
1	referente - sujeito pronominal	animacidade	especificidade	gênero semântico	
2	minhas primas pg1doc1	mais	mais	mais	
3	minha prima pg1doc1 OPOSIÇÃO	mais	mais	mais	
4	minha prima pg1doc1	mais	mais	mais	
5	meus irmãos pg2doc1	mais	mais	mais	
6	o ônibus pg10doc1	menos	mais	menos	
7	pai pg7 doc1	mais	mais	mais	
8	mãe pg7doc1	mais	mais	mais	
9	os políticos pg2doc4	mais	mais	menos	
10	mãe e pai pg7 doc 1	mais	mais	menos	
11	mãe e pai pg7 doc 1	mais	mais	menos	
12	mãe e pai pg7 doc 1	mais	mais	menos	
13	minha mãe pg5doc1	mais	mais	mais	
14	minha mãe pg5doc1	mais	mais	mais	
15	o super mercado pg9doc1	menos	mais	menos	
16	os baianos pg11doc1	mais	menos	menos	
17	os paulistas pg12doc1	mais	menos	menos	
18	minha mãe pg5doc1	mais	mais	mais	
19	meu pai pg6doc1	mais	mais	mais	
20	meu pai pg6doc1	mais	mais	mais	
21	meus pais pg6doc1	mais	mais	menos	
22	meu pai pg6doc1	mais	mais	mais	
23	minha mãe pg7doc1	mais	mais	mais	
24	meus pais pg7doc1	mais	mais	menos	
25	minha mãe pg7doc1	mais	mais	mais	

Demos preferência para registrar os referentes de acordo com o tipo de retomada anafórica (se objeto nulo, se pronome pleno) e com a expressão pronominal ou nulidade do

sujeito (se sujeito nulo, se sujeito expresso por pronome), pois assim, utilizando as ferramentas do filtro do Excel, seria mais fácil fazer as classificações e contabilidades das ocorrências. Observe, na figura 2, que listamos, na primeira coluna, o referente (no caso, ilustramos os sujeitos pronominalmente expressos do *corpus* VARSUL) juntamente com sua convenção para referência, na segunda coluna (coluna B) registramos o traço de animacidade ([+a] ou [-a]), na terceira coluna (coluna C), o traço de especificidade ([+e] ou [-e]) e na quarta coluna (coluna D), o gênero semântico do referente ([+gs] ou [-gs]). O primeiro referente, o SN *minhas primas*, foi localizado na primeira página da primeira entrevista do VARSUL analisada; é um referente [+animado], [+específico] e [+gênero semântico] e foi manifesto por meio de sujeito pronominal. No capítulo seguinte, abordaremos a análise de dados e os resultados obtidos.

3. ANÁLISE E RESULTADOS

Este capítulo aborda a análise dos dados encontrados nas entrevistas do VARSUL e LínguaPoa e apresenta os resultados do nosso estudo. Daremos seguimento a essa seção pautando-nos nas hipóteses formuladas nesse trabalho, quais sejam, como já mencionamos:

- (i) nossa primeira hipótese é a de que encontraremos um número mais elevado de sujeitos expressos no *corpus* LínguaPOA (*corpus* de fala que contém dados dos anos de 2015 a 2018) do que no *corpus* VARSUL (com dados de fala da década de 1990);
- (ii) nossa segunda hipótese é a de que encontraremos, no *corpus* LínguaPOA, um número mais elevado de objetos nulos anafóricos do que na nossa amostra do *corpus* VARSUL;
- (iii) nossa terceira hipótese é a de que encontraremos, no *corpus* LínguaPOA, um número menor de clíticos pronominais de terceira pessoa do que na amostra do *corpus* VARSUL;
- (iv) nossa quarta hipótese é a de que o traço de gênero semântico é determinante para o condicionamento da retomada fórica do sujeito, assim como o é para a retomada anafórica do objeto, tal como segue: os referentes que têm gênero semântico expresso favorecem a retomada fórica por pronome, ao passo que os referentes que não têm gênero semântico favorecem a omissão do pronome, tanto na função de sujeito como de objeto direto.

Organizamos este capítulo da seguinte maneira: em 3.1, discutiremos os dados referentes à hipótese (i), em 3.2, discutiremos as hipóteses (ii) e (iii), e em 3.3, abordaremos a hipótese (iv).

3.1 Hipótese (i): sujeitos nulos e pronominais

Com a leitura das entrevistas, identificamos um total de 845 ocorrências de sujeitos de terceira pessoa nulos e pronominalmente preenchidos, sendo 442 ocorrências oriundas do VARSUL e as demais 403, do *corpus* LínguaPOA. No *corpus* VARSUL, encontramos 106 sujeitos nulos e 336 sujeitos pronominais; no LínguaPoa, registramos 86 sujeitos nulos e 317 sujeitos expressos pronominalmente, tal como apresentamos na tabela 1, que segue abaixo dos exemplos:

Sujeito nulo:

- (1) Quando eu era criança, era bem mais tranquilo [o bairro]_i, isso é fato, porque a cidade cresceu né ahm Ø_i era bem mais seguro. (VARSUL)
- (2) Naquela ocasião estava muito frio, nós estávamos subindo pra serra e fechamos o carro todo e aí a Variant aquela tem [o motor]_i dentro, né? Ø_i Ficava atrás. (LínguaPOA)

Sujeito expresso pronominalmente:

- (3) [A minha mãe]_i tem uma história que [ela]_i conta de uma festa que [ela]_i foi. Festas assim pro interior, né? Porque [a minha mãe]_j [ela]_j é filha de criação, né? (VARSUL)
- (4) [O Mariano]_i me pede sempre: "mãe, faz aquele teu arroz com galinha", né, arroz com galinha, faço aí, assim, uma vez por semana faço fe(i)jão, congelo pra gente, ahn, e alguma outra coisa, assim, que [ele]_i me diga durante a semana: "mãhe, eu tô com vontade de come(r) tal coisa essa semana", por exemplo, panqueca. Aí eu faço o guisadinho no final de semana, deixo congelado. Aí naquele dia que [ele]_i que(r) come(r) a panqueca, aí eu só faço a massa na hora. (LínguaPOA)

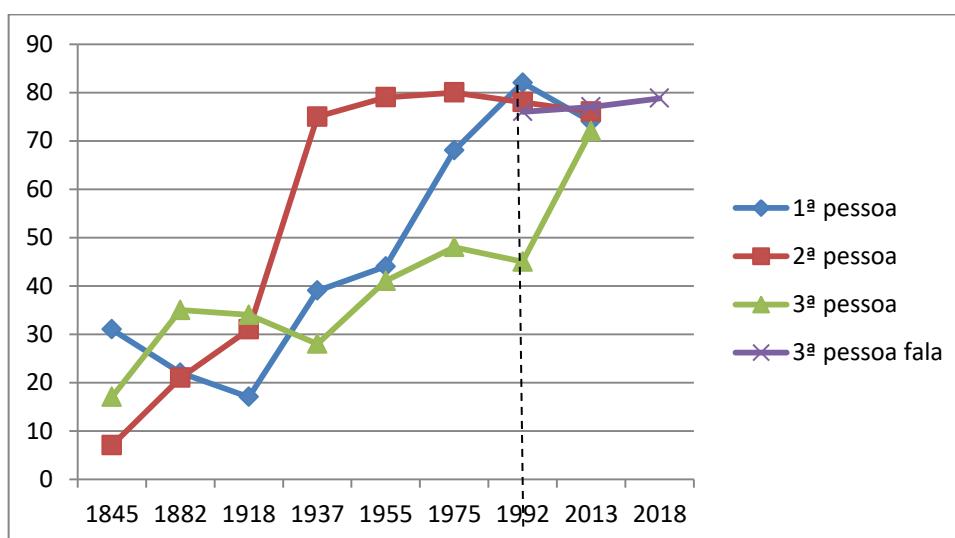
A quantidade das ocorrências de sujeitos nulos e pronominais dos dois *corpora* estudados pode ser mais bem visualizada na tabela 1:

Tabela 1 - Total de ocorrências sujeitos nulos e expressos pronominalmente encontradas nos corpora.

	VARSUL	LINGUAPOA
Sujeitos nulos	106 (24%)	86 (21,3%)
Sujeitos pronominais	336 (76%)	317 (78,7%)
Total de ocorrências	442 (100%)	403 (100%)

Encontramos uma porcentagem de sujeito de terceira pessoa pronominalmente preenchido muito maior do que a atestada por Duarte (1993), mas semelhante ao que encontramos em Othero e Spinelli (no prelo) em peças teatrais para o início do século XXI. Os resultados do *corpus* LínguaPOA, que abrange os anos de 2015 a 2018, indicam leve um aumento das ocorrências de sujeitos pronominais de terceira pessoa, ainda que esse aumento seja menor do que imaginávamos que seria. No entanto, é importante destacar que os dados encontrados nas entrevistas analisadas parecem confirmar a hipótese proposta por Duarte (1993) e assumida aqui: o PB está favorecendo orações com sujeitos preenchidos foneticamente, basta observar o alto nível de preenchimento do sujeito pronominal de 3ª pessoa. No gráfico 6, mostramos os dados dos séculos XIX e XX de Duarte (1993) e os dados do século XXI de Othero e Spinelli (no prelo), provenientes de análises de peças teatrais, juntamente com os dados das entrevistas analisadas nesse trabalho, de maneira a ilustrar o aumento dos índices de sujeito preenchido na 3ª pessoa (tenha-se em mente que os dados que acrescentamos ao gráfico abaixo são provenientes de *corpora* falados).

Gráfico 6 - A trajetória do sujeito preenchido ao longo do tempo.



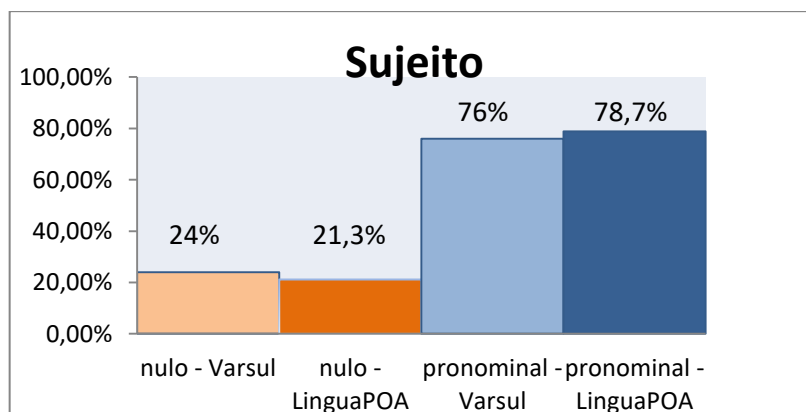
Repare que as ocorrências de sujeito pronominal de 3ª pessoa são muito mais numerosas na fala já na década de 1990 em comparação com os registros das peças teatrais, chegando, no século XXI, ao mesmo patamar dos sujeitos preenchidos de 1ª e 2ª pessoas registrados em peças teatrais. Analisamos e mostramos apenas a 3ª pessoa devido à já atestada alta frequência de sujeitos preenchidos de 1ª e 2ª pessoas (Duarte, 1993; Othero e Spinelli, no prelo). Ao olharmos para os resultados da análise das peças teatrais dos séculos XIX e XX, observamos que os sujeitos preenchidos de 3ª pessoa estavam em clara assimetria com os de

1ª e 2ª. Em pesquisa posterior, os dados das peças teatrais analisadas por Othero e Spinelli já mostram que essa assimetria deixa de existir.

Os dados da fala são uma importante confirmação da correspondência da porcentagem de ocorrências de sujeitos preenchidos pronominalmente nas três pessoas do discurso, o que ainda não havia sido atestado por Duarte (1993). Ainda que as peças teatrais analisadas em trabalhos anteriores sejam de tom popular, consideradas como representativas da fala de grupos sociais particularmente urbanos de cada época retratada, é inegável que a escrita se caracteriza por uma forma mais conservadora, podendo mascarar algumas mudanças contemporâneas como o caso do preenchimento pronominal do sujeito. Duarte (1993) já previra essa discrepância e, com o objetivo de observar a passagem do texto escrito para a língua falada, executou uma gravação da peça de 1992. Sua hipótese – que foi confirmada – era a de que, no desenrolar da peça, os índices de sujeitos nulos poderiam cair ainda mais. A autora alerta que “é preciso ter em mente a relativa distância entre fala e escrita. Por mais que, em certos gêneros literários, o autor procure reproduzir a fala de seu tempo – como deve ocorrer em peças de teatro popular – a expressão escrita é mais conservadora” (DUARTE, 1993, p.122).

Podemos afirmar, nesse ponto do trabalho, que a nossa primeira hipótese – a de que encontraríamos um número mais elevado de sujeitos pronominais no *corpus* LínguaPOA do que no *corpus* VARSUL – foi confirmada, porém, ainda que tenhamos encontrado uma porcentagem maior de sujeitos expressos com pronomes no *corpus* previsto, o aumento foi menor do que esperávamos. No gráfico 7, podemos ver de forma bem clara o contraste da porcentagem de sujeitos nulos e pronominalmente expressos em ambos os *corpora*:

Gráfico 7 - Ocorrências de sujeitos nulos e pronominalmente preenchidos nos corpora analisados.



Enquanto o *corpus* de 1992 apresenta 24% de sujeitos nulos, no *corpus* do século XXI esse número diminui para 21,3%. Consequentemente, os índices de sujeito pronominal no *corpus* LínguaPOA são maiores do que os encontrados no VARSUL (78,7% no LínguaPOA x 76% no VARSUL). Procederemos à análise dos traços semântico-pragmáticos de cada uma dessas ocorrências na seção 3.3. Antes, passaremos à seção 3.2, em que discutiremos as ocorrências de objeto nulo e pronominal nos *corpora* do VARSUL e do LínguaPOA.

3.2 Hipóteses (ii) e (iii): objetos nulos e pronominais

Nossas hipóteses (ii) e (iii) tratam da retomada anafórica do objeto. Como dissemos, nos preocupamos em analisar as ocorrências de objetos nulos e pronominais de terceira pessoa. Em 2016 (ver Spinelli, 2016 e Othero e Spinelli, 2017), já havíamos investigado o *corpus* VARSUL: foram analisadas 19 entrevistas e encontramos 279 ocorrências de retomadas anafóricas de 3ª pessoa, sendo 218 objetos nulos, 51 pronomes plenos e 10 pronomes clíticos (ver tabela 2). Aqui, usaremos esses dados tanto para a análise quanto para contrastar os números com o encontrado nos levantamentos do LínguaPOA. No *corpus* LínguaPOA, encontramos 112 ocorrências de retomadas anafóricas de objeto direto de terceira pessoa, sendo 92 objetos nulos, 20 pronomes plenos e nenhum clítico. Abaixo dos exemplos, a tabela 2 apresenta os dados e as porcentagens de objetos nulos, plenos e clíticos encontrados nos *corpora*:

Objeto nulo:

- (5) Porque era seis horas a hora que eu chegava em casa, ela me dava [a Zero Hora]_i aí eu trazia \emptyset _i pra casa e lia \emptyset _i.

Pronome pleno:

- (6) Agora esse ano como o [JP]_i tem dez anos, começou a fazer catequese, eu levava ele_i todos os domingos de manhã.

Tabela 2 - Total de ocorrências de objetos nulos e pronomes plenos encontradas nos corpora.

	VARISUL	LINGUAPOA
Objetos nulos	218 (78,1%)	92 (82,1%)
Pronomes plenos	51 (18,3%)	20 (17,9%)
Pronomes clíticos	10 (3,6%)	0
Total de ocorrências	279 (100%)	112 (100%)

Observe, na tabela 2, que a porcentagem de objetos nulos, de fato, subiu levemente – como havíamos predito em nossa hipótese (ii). Obviamente, estamos diante de um aumento pouco expressivo. Outro dado que chama a atenção é a inexistência de clíticos no *corpus* LínguaPOA, o que confirma nossa hipótese (iii)¹³. Entretanto, como já havia sido alertado em Spinelli (2016), as 10 ocorrências de pronome clítico extraídas do *corpus* VARISUL foram todas produzidas por um mesmo falante, o que pode significar um padrão linguístico específico de apenas um entrevistado.

Para termos uma noção melhor de mudança diacrônica em tempo real, decidimos trazer à tona os dados de Porto Alegre analisados por Monteiro¹⁴ (1994), que retratam o PB falado na capital gaúcha na década de 1970. Assim, podemos analisar esse fenômeno através de um espectro maior de tempo, da década de 1970 ao ano de 2015/18, e verificar se houve a real implementação de uma mudança. Os resultados encontrados por Monteiro já indicavam a predominância do objeto nulo, mas ainda denunciavam o uso do clítico acusativo, como podemos ver na tabela 3 abaixo:

¹³ Não estamos afirmando que os clíticos pronominais estão desaparecendo, apenas constatamos que os clíticos de terceira pessoa estão desaparecendo (confirmando o que outros trabalhos já mostraram, tais como Monteiro (1994), Nunes (1996), Spinelli (2016) e Othero e Cardozo (2017)). Em primeira e segunda pessoas o pronome clítico mantém sua predominância no que se refere à retomada anafórica (e uma possível explicação para isso se deve ao fato de que os referentes são sempre classificados como [+animado], [+específico] e [+gênero semântico], afinal são sujeitos do discurso (cf. Monteiro, 1994 e Spinelli 2016)).

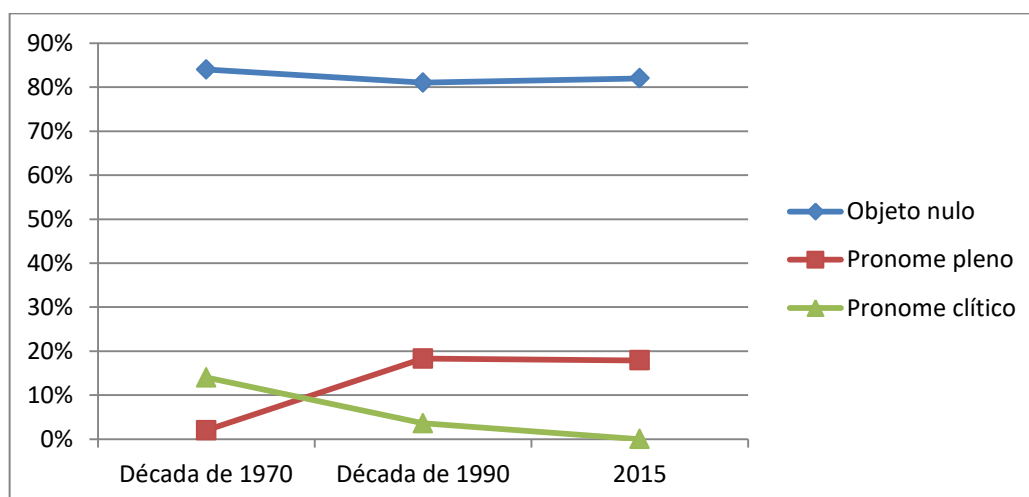
¹⁴ Monteiro (1994) trabalhou com o acervo do *corpus* compartilhado do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), desenvolvido em 5 capitais brasileiras. O Projeto NURC se iniciou em 1970, e as gravações analisadas variam da década de 70 até a década de 90 do século XX.

Tabela 3 - Retomada anafórica pronominal nos corpora NURC, VARSUL E LínguaPOA.

	NURC	VARSUL	LINGUAPOA
Objetos nulos	84%	78,1%	82,1%
Pronomes plenos	2%	18,3%	17,9%
Pronomes clíticos	14%	3,6%	0%
Total de ocorrências	100%	100%	100%

O alto índice de objetos nulos encontrados por Monteiro (1994) em Porto Alegre chama a atenção, afinal o número é ainda maior do que o que encontrado em nossos dois corpora analisados. É indiscutível, porém, que a diferença não é tão chamativa – registramos 78,1% e 82,1% de objetos nulos nos corpora do VARSUL e LínguaPOA, respectivamente – em comparação com os 84% encontrados por Monteiro no corpus do NURC. Observe que os índices de pronomes clíticos de terceira pessoa, nos dados da década de 1970, são bastante elevados – 14%. Nas entrevistas do VARSUL, realizadas aproximadamente 20 anos após as entrevistas do NURC, encontramos apenas 3,6% de pronomes clíticos e não registramos nenhuma ocorrência no corpus LínguaPOA, cujas entrevistas foram realizadas cerca de 20 anos depois das entrevistas do VARSUL. Esses dados podem ser mais bem visualizados no gráfico 8:

Gráfico 8 - Ocorrências de objetos nulos e pronomes nos corpora analisados.



Observe que, nos dados de Monteiro (1994), apenas 2% das retomadas anafóricas feitas em Porto Alegre ocorriam por meio do pronome pleno. Nos dados do VARSUL, esse número sobe para 18,3% e nos dados do LínguaPOA, ficam em 17,9%. Observe também que

as ocorrências de objeto nulo permaneceram relativamente estáveis desde a década de 70 até agora. As duas mudanças que notamos foram (a) a queda acentuada de clíticos e (b) o aumento dos pronomes plenos, especialmente da década de 1970 para a década de 1990.

Podemos dizer, a partir dessa análise, que os objetos nulos já não estão num crescendo, mas sim estabilizados como a forma preferida de retomada anafórica de terceira pessoa. A gramática da língua parece ter se estabilizado, no seguinte sentido: os clíticos cederam seu espaço para a retomada anafórica com pronome pleno ou ON (além das referências citadas sobre língua falada, cf. Othero e Schwanke 2018 e Othero, Cyrino et al 2018). Percebemos, portanto, que o PB não está se encaminhando para uma língua de objeto nulo total (no que diz respeito à retomada anafórica de terceira pessoa). Os dados nos indicam que o sistema da língua se estabilizou com a exclusão dos clíticos (como havíamos antecipado com a hipótese (iii)), mas a retomada anafórica de terceira pessoa em posição de objeto conta com duas estratégias – o objeto nulo e o uso do pronome pleno. Resta-nos explicar essa distribuição. É o que veremos na próxima seção.

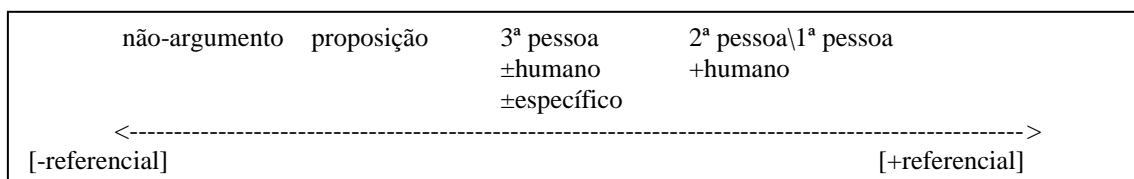
3.3 Hipótese (iv): gênero semântico

Passemos, agora, à nossa quarta hipótese – a de que o traço de gênero semântico é determinante para o condicionamento da referência fórica do sujeito, assim como o é para a retomada anafórica do objeto (como atestado por vários trabalhos recentes). Quando pesquisamos, em Spinelli (2016), qual hipótese (baseada em traços semântico-pragmáticos) teria mais poder explicativo no sentido de explicar o fenômeno da retomada anafórica de objeto em PB de maneira mais acurada, verificamos que a hipótese do gênero semântico polarizava melhor os resultados e se mostrava uma maneira mais econômica de explicar o fenômeno. Como esclarecemos, segundo a proposta de Creus & Menuzzi (20014), antecedentes sem gênero semântico são retomados por objeto nulo e antecedentes com gênero semântico marcado, por pronomes plenos. Neste trabalho, como já dissemos, pretendemos verificar se essa também pode ser a teoria mais adequada para explicar o uso do sujeito nulo ou expresso por meio de pronome. Para isso, investigamos os traços semânticos e discursivos que condicionam o uso do sujeito e objeto nulos e expressos com pronome. Começaremos a análise pelos dados de sujeito, registrando as descobertas de cada *corpus* separadamente.

3.3.1. Os traços semântico-pragmáticos na análise de sujeito

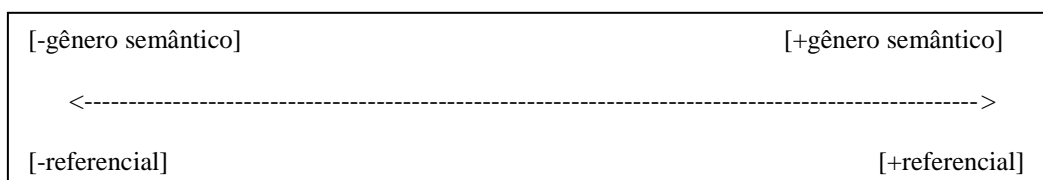
Analizamos as 442 ocorrências de sujeitos nulo e pronominal de 3ª pessoa que encontramos no *corpus* VARSUL seguindo as hipóteses de Duarte, Cyrino e Kato (em trabalhos já citados), isto é, classificando os referentes de acordo com seus traços de animacidade e especificidade. Nossa ideia básica aqui é comparar essa abordagem com a hipótese que aventamos, baseando-nos em Creus & Menuzzi (2004) e trabalhos posteriores (cf. referências já citadas), de que o traço de gênero semântico é condicionador para a expressão ou omissão de pronome, tanto na função de sujeito quanto de objeto. Ou seja, para Kato, Duarte e Cyrino (2000), os referentes mais altos na hierarquia (repetida abaixo para conveniência do leitor) têm a tendência de serem retomados por pronomes, ao passo que referentes mais baixos na hierarquia são normalmente retomados por sujeitos nulos.

Figura 1 - Hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000, p. 59).



Essa mesma ideia está parcialmente guiando a hipótese do gênero semântico, uma vez que apenas referentes animados podem ser marcados como [+gs]. Temos aqui, então, uma sobreposição entre os traços de animacidade e gênero semântico, tal como sistematizamos na Figura 3, aventada por Othero e Spinelli (no prelo):

Figura 3 - Hierarquia de referencialidade e o traço de gênero semântico.



Fonte: Othero e Spinelli (no prelo, p. 14)

Se nossa hipótese estiver correta, podemos perseguir a ideia de que, não apenas na função de sujeito, mas também na função de objeto, os referentes mais altos na *nossa*

hierarquia terão a tendência de ser expressos por pronomes, ao passo que os referentes mais baixos terão a tendência de ser expressos por uma categoria vazia.

Abaixo dos exemplos, na tabela 4, apresentamos as ocorrências de sujeito do *corpus* VARSUL classificadas de acordo com os traços de animacidade e especificidade.

[+a, +e]

- (7) [Minha mãe]_i conta as mesmas histórias assim há bastante tempo, né? Então, [ela]_i conta e repete as histórias e tal.

[+a, -e]

- (8) Descendo [peixe]_i na cachoeira, Ø_i ia chegar virado num guisado lá embaixo, né?

[-a, +e]

- (9) Já ouvi falar que [o plano diretor de Porto Alegre]_i não é tão ruim, que Ø_i até que é bom. Mas principalmente por Ø_i não ser respeitado é que Porto Alegre está nesse estado.

[-a, -e]

- (10) Tu estavas fazendo [uma gravação]_i?
Estava. Eu queria gravar uma fita para outra, e o meu som é de um deque só, né? Eu peguei na minha sogra.
É, Ø_i aí não fica bom.

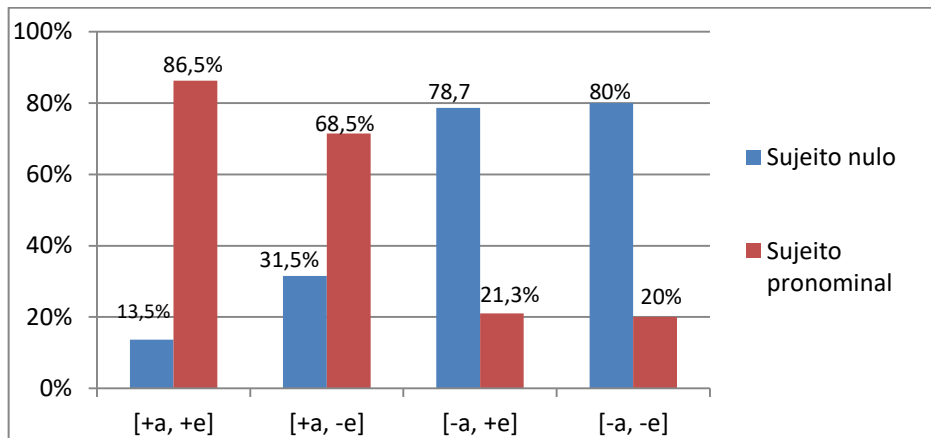
Tabela 4 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [$\pm a$, $\pm e$].

Traços do referente	Sujeito nulo	Pronominalmente expresso	Total
[+a, +e]	43 (13,5%)	277 (86,5%)	320
[+a, -e]	22 (31,5%)	48 (68,5%)	70
[-a, +e]	37 (78,7%)	10 (21,3%)	47
[-a, -e]	4 (80%)	1 (20%)	5

Em primeiro lugar, é importante destacar a baixa ocorrência de sujeitos não animados, em especial os não animados e não específicos ([-a, -e]). As poucas ocorrências encontradas, tanto de referentes com traços [-a, +e] quanto [-a, -e], apesar de nos indicarem a preferência por sujeito nulo, não podem ser levadas em conta como um resultado definitivo porque são pouco expressivas quantitativamente nos nossos *corpora*, como veremos também na análise do LinguaPOA. Essa observação reforça o fato já conhecido “de que o sujeito prototípico (nas

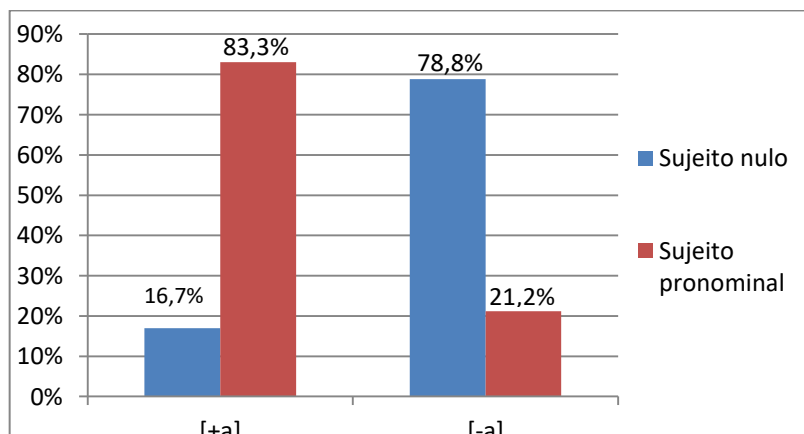
línguas, de maneira geral) costuma ser denotado por uma entidade *humana*, volitiva, ao passo que o objeto direto prototípico nas línguas costuma ser um referente *não humano*” (Othero e Spinelli, no prelo, p. 17). O gráfico abaixo apresenta os dados da tabela 4:

Gráfico 9 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes $[\pm a, \pm e]$



A partir da leitura do gráfico 9, podemos inferir que o traço de animacidade é o mais relevante no condicionamento do sujeito nulo ou pronominal, afinal quando registramos referentes marcados com o traço [+a], independente da marcação do traço de especificidade, a preferência é pela expressão do sujeito por meio de um pronome. Em contrapartida, em se tendo um referente com o traço [-a], a preferência é pela categoria vazia. O traço de especificidade, nesse caso, não contribui como fator determinante para a escolha entre sujeito nulo ou pronominal. Se fizermos um novo gráfico desconsiderando o traço de especificidade, os resultados serão semelhantes aos do gráfico 9, como podemos ver abaixo, no gráfico 10:

Gráfico 10 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes $[\pm a]$.



O gráfico 10 indica, como mencionamos, que a maioria dos referentes marcados com o traço [+a] são expressos por meio de pronome, enquanto os referentes marcados com o traço [-a] são expressos majoritariamente com sujeito nulo. As porcentagens são muito semelhantes às encontradas no gráfico 9, o que comprova a pouca influência do traço de especificidade nos casos aqui estudados. Apesar de não termos encontrado uma polarização categórica poderíamos afirmar que o traço de animacidade, isoladamente, é o condicionador determinante para a escolha entre sujeito nulo ou pronominal. No entanto, dados do *corpus* LínguaPOA colocarão em xeque essa questão, comprovando-se a preferência, como veremos mais adiante, do condicionamento por meio do traço de gênero semântico. Fizemos, então, um levantamento dos dados do *corpus* VARSUL analisando o traço de gênero semântico dos referentes. A tabela com os valores de referência é apresentada logo abaixo dos exemplos:

[+gs]

- (11)[O meu pai]_i contava as histórias também dos jogos dele, dos jogos de futebol que ele_i gostava muito de jogar, que os amigos sempre passavam aqui pra pegar, porque ele_i também morou nessa casa.

[-gs]

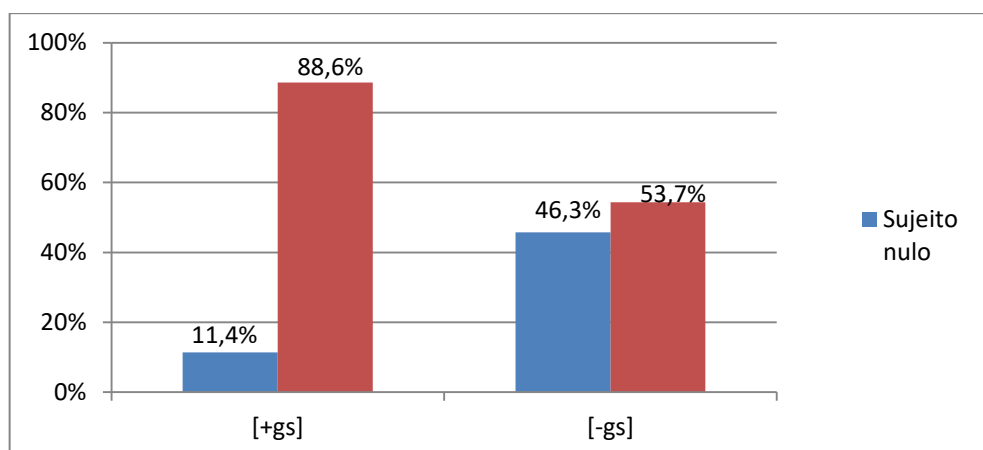
- (12)A guria disparou. Fui encontrar ela na pensão, que a pensão ficava umas quatro quadras, numa [rua reta]_i lá. Ø_i Era a única que era calçada também, né.

Tabela 5 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com antecedente [\pm gs].

Traço do referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+gs]	32 (11,4%)	250 (88,6%)	282 (100%)
[-gs]	74 (46,3%)	86 (53,7%)	160 (100%)

Os dados da tabela 5 podem ser mais bem visualizados no gráfico 11:

Gráfico 11 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [\pm gs].



Repare, no gráfico 11, que quando o referente tem gênero semântico (é marcado com [+gs]), há uma maior tendência de que seja expresso por sujeito pronominal. A polarização, aqui, fica um pouco mais acurada do que a encontrada ao analisarmos apenas o traço de animacidade, na coluna que ilustra os referentes [+a] (que é de 83,3%, como mostra o gráfico 10). Por outro lado, quando observamos referentes sem gênero semântico ([-gs]), não chegamos nem perto de uma polarização evidente.

Essa observação é muito interessante para nós, pois neste trabalho descobrimos que dois princípios diferentes da língua ficaram evidentes. O primeiro deles, mais geral, trata do uso cada vez mais frequente de sujeitos expressos, o que remete à perda do princípio “evite pronome”: Duarte (1995) demonstra que o PB passa por uma transição de uma língua que seguia o princípio “evite pronome” para uma que segue o princípio “explicito o pronome”. A autora conclui que “retomar pronominalmente em posição de sujeito um SN ou um outro pronome, dentro da mesma sentença, é uma denúncia das consequências provocadas pela perda do Princípio [‘evite pronome’]” (DUARTE, 1995, p. 142)¹⁵. O segundo princípio, mais específico, trata da influência do traço de gênero semântico no condicionamento do sujeito nulo ou expresso pronominalmente. A polarização encontrada nos dados de referentes com gênero semântico ([+gs]) indica que há uma confluência desses dois princípios, que estão se encaminhando para um mesmo resultado (a expressão do sujeito por meio de pronome pleno). Em outras palavras, o princípio geral (que remete ao uso de sujeito expresso) reforça a mesma consequência trazida pelo princípio específico do gênero semântico. Esperaríamos, com a confluência desses dois princípios, que 100% dos referentes com gênero semântico fossem

¹⁵ Sobre essa tendência de o PB preferir sujeitos expressos do que construções sem sujeito ou com sujeitos nulos, ver também Duarte (1993, 1995, 2012), Figueiredo Silva (1996), Kato (1999), Avelar & Cyrino (2008), Duarte & Figueiredo Silva (2016).

expressos por meio de sujeito pronominal. Não foi exatamente o que encontramos, por isso alguns casos devem ser olhados em específico (ver discussão no próximo capítulo).

Confluência entre os dois princípios:

Princípio geral: mantenha a posição de sujeito foneticamente ocupada

Princípio específico: referentes [+gs] devem ser expressos por pronome e [-gs] com sujeito nulo

Por outro lado, os dados de referentes sem gênero semântico (par de colunas à direita do gráfico 11) indicam que os dois princípios citados estão em conflito, afinal o princípio geral favorece a expressão de pronomes, mas o princípio específico sugere que referentes [-gs] não serão expressos por pronomes, e sim por sujeito nulo. Assim sendo, o que se esperaria nessa situação seria a variação livre, i.e., uma divisão de 50%, muito próximo à porcentagem encontrada em nossos dados. O fato de encontrarmos mais sujeitos expressos quando no princípio específico tenderíamos a ter a predominância de sujeito nulo é devido, provavelmente, à maior força de mudança do princípio geral “perda do evite pronome” em comparação com o princípio específico aqui analisado. Essas hipóteses poderão ser confirmadas nas análises subsequentes.

Conflito entre dois princípios:

Princípio geral: mantenha a posição de sujeito foneticamente ocupada

Princípio específico: referentes [-gs] devem ser expressos por categoria vazia

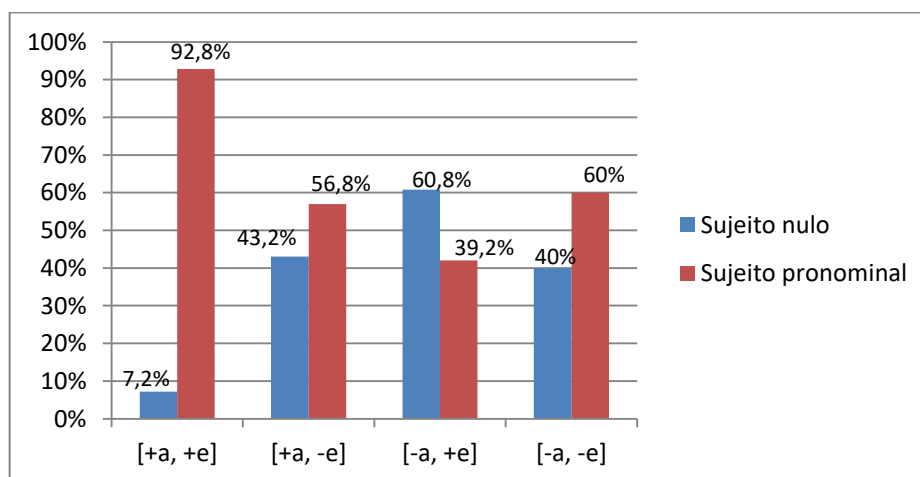
Da mesma forma que com os dados do VARSUL, compilamos os sujeitos nulos e pronominais encontrados no *corpus* LinguaPOA e os classificamos segundo seus traços de animacidade e especificidade e, posteriormente, gênero semântico. Os dados podem ser visualizados na tabela 6:

Tabela 6 - Distribuição, no corpus *LinguaPOA*, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes $[\pm a, \pm e]$.

Traços do referente	Sujeito nulo	Pronominalmente expresso	Total
[+a, +e]	20 (7,2%)	260 (92,8%)	280
[+a, -e]	19 (43,2%)	25 (56,8%)	44
[-a, +e]	45 (60,8%)	29 (39,2%)	74
[-a, -e]	2 (40%)	3 (60%)	5

Os dados da tabela 6 podem ser mais bem visualizados no gráfico 12:

Gráfico 12 - Distribuição, no corpus *LinguaPOA*, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes $[\pm a, \pm e]$.



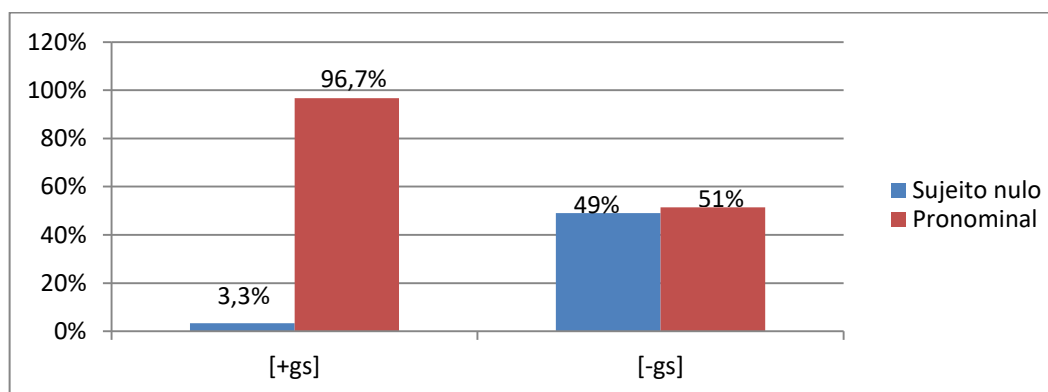
Mais uma vez, a baixa ocorrência de referentes [-a, -e] não nos permite tomar os dados do último par de colunas como definidores para a nossa análise, ainda que a análise desse resultado seja importante para o conjunto de nossas pesquisas. De qualquer maneira, no *corpus* *LinguaPOA* já não encontramos a mesma polarização de sujeitos nulos e pronominais baseada apenas no traço de animacidade como encontramos nos dados do *VARISUL*. No gráfico 12, observamos que nem a combinação dos traços de animacidade e especificidade e nem o primeiro traço isoladamente parecem ser boas alternativas para explicar a distribuição aqui estudada. Note que o primeiro par de colunas ([+a, +e]) tem uma polarização bem importante, porém a combinação dos traços [+a, -e], ainda que indique a preferência por sujeito pronominal, fica quase na casa dos 50%. O mesmo ocorre nas demais combinações, fato que nos leva a rejeitar a combinação desses dois traços como uma explicação satisfatória para o fenômeno em questão. Acreditando que o traço de gênero semântico corresponda de

maneira satisfatória às nossas hipóteses, apresentamos os mesmos dados classificados de acordo com esse traço na tabela 7 e no gráfico 13, abaixo:

Tabela 7 - Distribuição, no corpus LinguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [\pm gs].

Traço do referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+gs]	8 (3,3%)	236 (96,7%)	244 (100%)
[-gs]	78 (49%)	81 (51%)	159 (100%)

Gráfico 13 - Distribuição, no corpus LinguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [\pm gs].



O gráfico 13 traz uma polarização ainda mais satisfatória dos referentes com gênero semântico (lembre-se que os resultados do VARSUL apontaram “apenas” 88,6% dos referentes [+gs] expressos com pronome), confirmando a nossa hipótese de que referentes [+gs] são preferencialmente manifestados por meio de sujeito pronominal. Esse gráfico apresenta um resultado categórico quando falamos de referentes [+gs]: 96,7% desses referentes são manifestados como sujeitos pronominais. Semelhante ao que aconteceu nos dados do VARSUL, aqui também observamos a divergência de direcionamentos guiados por cada um dos princípios descobertos neste trabalho nos casos de referentes [-gs]; isto é, ao mesmo tempo em que vemos o princípio geral indicando a expressão pronominal do sujeito, o princípio específico de gênero semântico ainda promove altas ocorrências de sujeito nulo. Apesar disso, o gráfico 13 também indica a sobressaliência do princípio geral sobre o princípio específico. Novamente, temos a ordem apresentada abaixo:

Confluência entre os dois princípios:

Princípio geral: mantenha a posição de sujeito foneticamente ocupada

Princípio específico: referentes [+gs] devem ser expressos por pronome

Conflito entre dois princípios:

Princípio geral: mantenha a posição de sujeito foneticamente ocupada

Princípio específico: referentes [-gs] devem ser expressos por categoria vazia

Não há dúvidas de que o gênero semântico é a melhor alternativa para a explicação do condicionamento de sujeitos em comparação com a explicação baseada na combinação dos traços de animacidade e especificidade, vide a polarização maior que o traço proposto por Creus e Menuzzi (2004) promove. Além disso, a análise que leva em conta apenas o traço de gênero semântico também confirma a hipótese de muitos pesquisadores de que o PB está passando por uma mudança paramétrica no que se refere ao sujeito nulo. No gráfico da combinação de animacidade com especificidade, não é possível visualizar claramente esse favorecimento dos sujeitos expressos pelo qual o PB está passando; essa visualização é possível apenas no gráfico que tem como base o traço de gênero semântico. Apresentamos novamente os gráficos 9, 11, 12 e 13 abaixo para que esse contraste possa ser visto de forma mais clara:

Gráfico 9 - VARSUL (animacidade e especificidade)

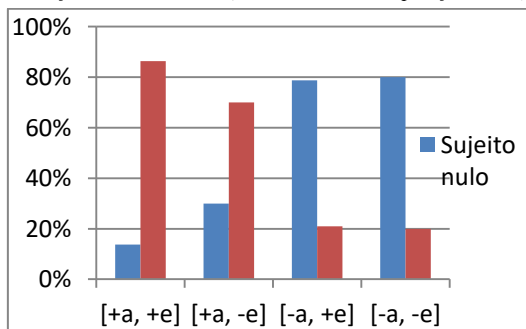


Gráfico 11 - VARSUL (gênero semântico)

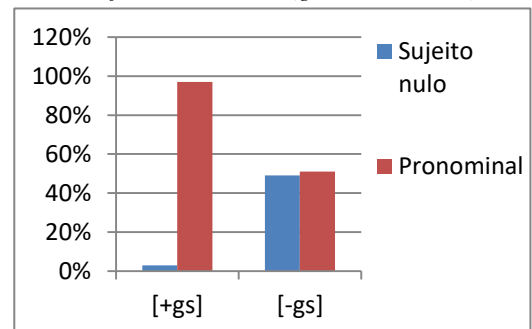


Gráfico 12 -LinguaPOA (animacidade e especificidade)

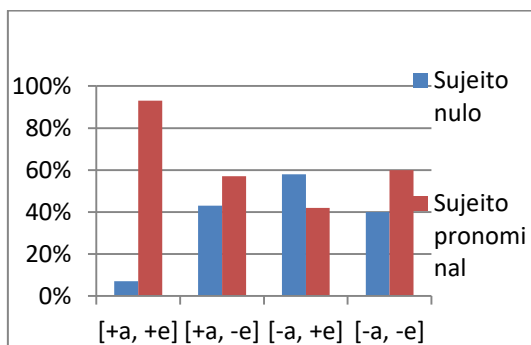
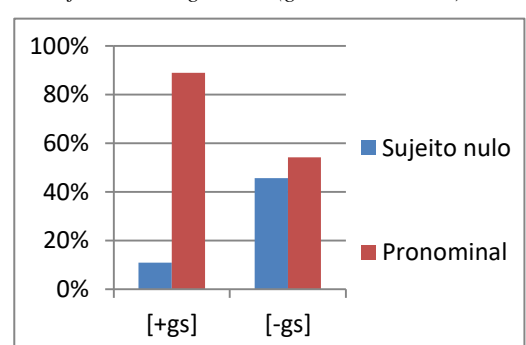


Gráfico 13 - LinguaPOA (gênero semântico)



Observe que o gráfico 9 apresenta o contraste da escolha entre sujeitos nulos e expressos pronominalmente, já que a maioria dos sujeitos pronominais apresenta traços [+a] e a maioria dos sujeitos nulos tem referentes [-a], o que indicaria que o traço de animacidade poderia ser um condicionador satisfatório para o uso do sujeito. O gráfico 12, porém, não mantém esse padrão de condicionamento – os sujeitos pronominais do *LinguaPOA* predominam tanto quando temos referentes [+a], independentemente do traço de especificidade, quanto quando temos referentes [-a, -e]. Ademais, os gráficos baseados na combinação dos traços de animacidade e especificidade não deixam clara a mudança paramétrica pela qual o PB passa, afinal o sujeito nulo parece se sobressair nos casos em que o referente é [+a] no gráfico 9 e nos casos em que o referente é [-a, +e] no gráfico 12. Os gráficos 11 e 13, por sua vez, ilustram claramente que, quando o referente tem gênero semântico expresso, a preferência é pela expressão pronominal do sujeito. Ambos os gráficos 11 e 13 ilustram também o conflito dos dois princípios correntes no PB falado atual já mencionado anteriormente. As mesmas combinações de traços serão analisadas agora para as ocorrências de objetos encontradas em nossos *corpora*.

3.3.2. Traços semântico-pragmáticos na análise de objeto direto

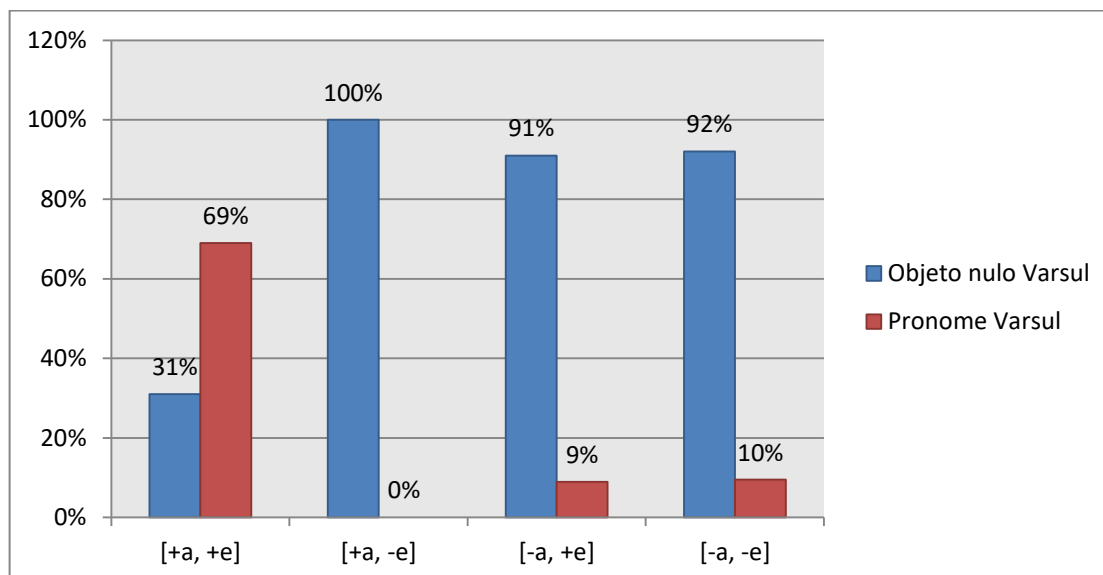
Encontramos 218 objetos nulos e 61 retomadas anafóricas com pronomes nas entrevistas do VARSUL (analisadas em Spinelli (2016)), 92 objetos nulos e 20 pronomes plenos no *corpus* *LinguaPOA*. Esses números foram apresentados na tabela 2, na seção 3.2. Classificamos as ocorrências de cada *corpus* separadamente, fazendo primeiro um levantamento com base na combinação dos traços de animacidade e especificidade e, posteriormente, uma análise com o traço de gênero semântico. A tabela 8 apresenta os resultados encontrados no *corpus* do VARSUL quando da análise dos traços de animacidade e especificidade do antecedente:

Tabela 8 -Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes, no corpus VARSUL, com antecedentes [$\pm a, \pm e$].

Traço do referente	ON	Pronome	Total
[+a, +e]	20 (31%)	44 (69%)	64
[+a, -e]	8 (100%)	0	8
[-a, +e]	140 (91%)	13 (9%)	153
[-a, -e]	50 (92%)	4 (8%)	54

Os dados da tabela 8 podem ser mais bem visualizados no gráfico abaixo:

Gráfico 14 - Distribuição, no corpus VARSUL, de objeto nulo vs. pronominal com antecedentes [$\pm a, \pm e$].



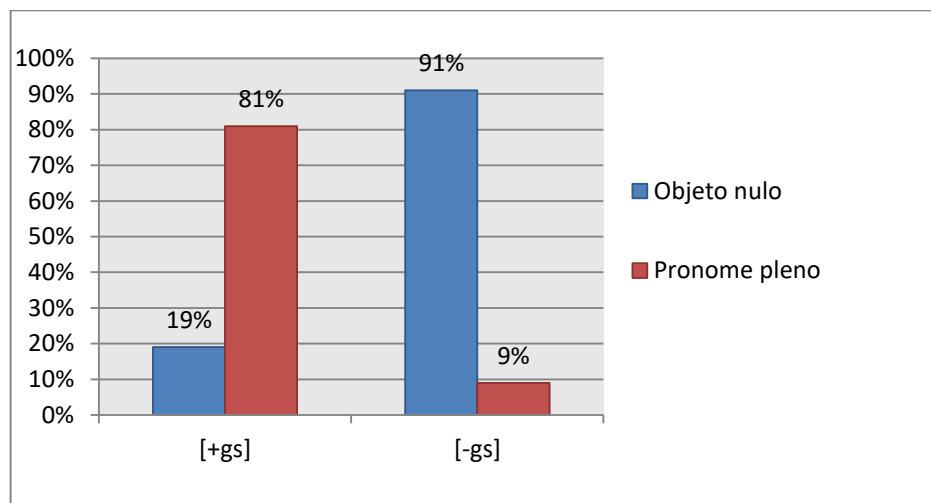
O primeiro ponto a ser observado no gráfico acima é o baixo número de referentes com os traços [+a, -e], não havendo, inclusive, nenhuma retomada de referente com esses traços com pronome. Percebemos, também, que a maioria das retomadas anafóricas se deu com antecedentes [-animados] (foram apenas 28 retomadas de referentes [+animado] vs. 190 retomadas anafóricas de antecedentes [-animados]). Isso se deve provavelmente ao fato de que, como dissemos anteriormente, o objeto direto prototípico costuma ser um referente *não humano* e, portanto, provavelmente não animado. Como já alertaram Othero et al (2016), a combinação dos traços de animacidade e de especificidade não é a melhor hipótese para a explicação da distribuição entre pronomes e ONs – e nem de sujeitos nulos e pronominais, como já analisamos. Observe, no gráfico 14, que há preferência por retomada anafórica com pronome quando o antecedente é [+a, +e], mas em todos os demais casos – ainda que tenhamos registrado poucas ocorrências com o caso de referentes [+a, -e] – têm como

preferência a retomada com a categoria vazia. Analisamos, então, os mesmos dados com base na hipótese do gênero semântico. Os resultados estão ilustrados na tabela 9 e no gráfico 15:

Tabela 9 - Retomada anafóricas de objeto nulo e pronominal do corpus VARSUL com antecedentes [\pm gs].

Traço do referente	ON	Pronome	Total
[+gs]	10 (19%)	41 (81%)	51 (100%)
[-gs]	208 (91%)	20 (9%)	228 (100%)

Gráfico 15 - Distribuição, no corpus VARSUL, de objeto nulo vs. pronominal com antecedentes [\pm gs].

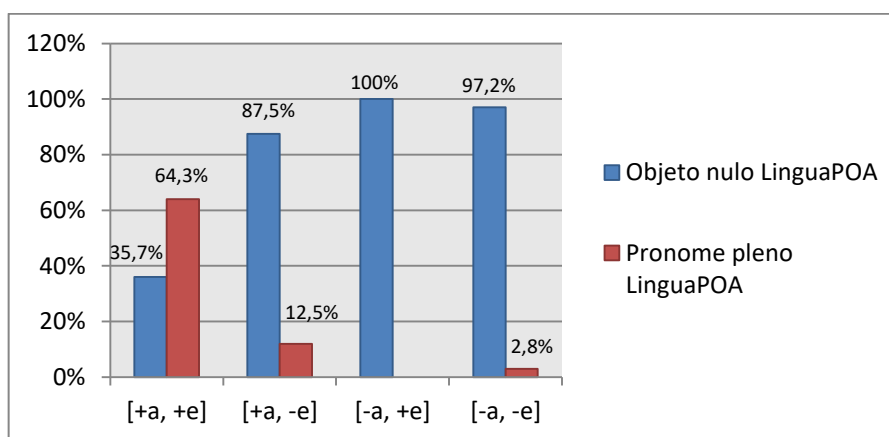


O gráfico 15 indica uma forte tendência de que os antecedentes marcados com [+gs] sejam retomados por pronomes e, ainda que o resultado não seja categórico (81%), é mais claro do que os resultados encontrados na análise dos traços de animacidade e especificidade. Quando o referente é marcado com o traço [-gs], está claro que existe uma tendência categórica de 91% de que a retomada se dará por meio de um ON.

A análise do *corpus* LínguaPOA nos leva a resultados muito semelhantes, como os que observamos por meio das tabelas e gráficos abaixo:

Tabela 10 - Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes plenos do corpus *LinguaPOA* com antecedentes $[\pm a, \pm e]$.

Traço do referente	ON	Pronome	Total
[+a, +e]	10 (35,7%)	18 (64,3%)	28
[+a, -e]	7 (87,5%)	1 (12,5%)	8
[-a, +e]	40 (100%)	0	40
[-a, -e]	35 (97,2%)	1 (2,8%)	36

Gráfico 16 - Distribuição, no corpus *LinguaPOA*, de objeto nulo vs. pleno com antecedentes $[\pm a, \pm e]$.

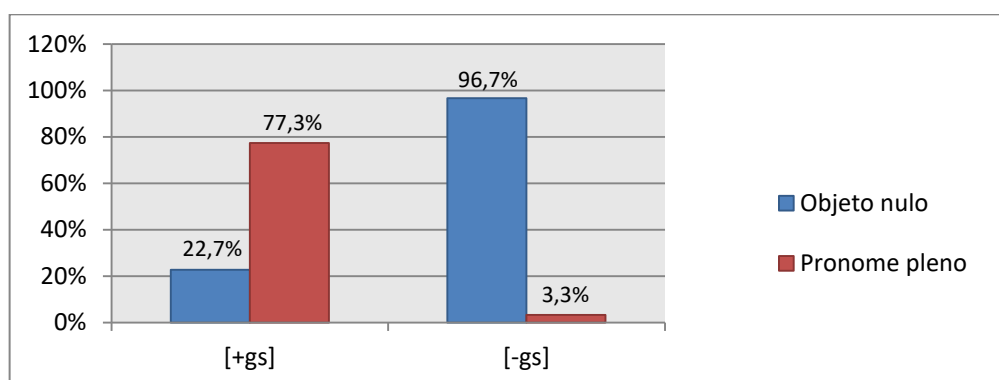
Fica evidente a preferência pelo objeto nulo, salvo quando o antecedente tem traços [+a, +e]. Da mesma forma que verificado em trabalhos anteriores (Spinelli, 2016), nossos resultados apontam para o favorecimento do uso de objetos nulos quando o antecedente for marcado negativamente para o traço de animacidade, independentemente de sua classificação quanto ao traço de especificidade, mostrando o traço de especificidade é, por vezes, irrelevante e tem papel secundário ou redundante quando combinado com a animacidade do antecedente. Há uma discrepância, no entanto, na preferência de retomada anafórica quando da combinação do traço [+animado] com o traço de especificidade, seja [+específico] ou [-específico]. Repare que a ocorrência de referentes com o traço [-animado] indica, quase que na totalidade das vezes, a retomada por objeto nulo. Não podemos dizer o contrário para as ocorrências de referentes [+animado], no entanto: quando os referentes são [+a, +e], a retomada anafórica por meio de pronome pleno é preferida, mas quando os referentes são [+a, -e], o objeto nulo é a estratégia preferida. Esse é um forte indicador de que a combinação entre os traços de animacidade e especificidade não é uma hipótese sólida ou categórica para explicar a distribuição entre pronomes e ONs na retomada anafórica de 3ª pessoa em PB. Por

isso, realizamos a análise dos dados baseando-nos na hipótese do gênero semântico, que segue abaixo:

Tabela 11 - Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes plenos do corpus *LinguaPOA* com antecedentes [\pm gs].

Traços do referente	ON	Pronome Pleno	Total
[+gs]	5 (22,7%)	17 (77,3%)	22 (100%)
[-gs]	87 (96,7%)	3 (3,3%)	90 (100%)

Gráfico 17 - Distribuição, no corpus *LinguaPOA*, de objeto nulo vs. pleno com antecedentes [\pm gs].



A partir da análise do gráfico 17, não resta dúvidas de que existe uma tendência categórica de que referentes sem gênero semântico são retomados por meio de objeto nulo (encontramos 97% de antecedentes [-gs] sendo retomados por categoria vazia). Quando falamos de antecedentes com gênero semântico marcado, encontramos uma preferência pela retomada com pronome pleno, embora esse resultado não seja categórico. Os gráficos que levam em conta a retomada anafórica por meio da análise do traço de gênero semântico, além de oferecerem uma polarização mais satisfatória, também ilustram claramente o uso das duas estratégias de retomada anafórica de terceira pessoa em vigor no PB: os gráficos 15 e 17 deixam claros o contexto em que a retomada anafórica se dá por meio de pronome pleno (antecedentes [+gs]) e o contexto em que a retomada ocorre com uma categoria vazia (antecedentes [-gs]), informação essa que não pode ser claramente apreendida dos gráficos de animacidade e especificidade. Não podemos ignorar o alto índice de referentes [+gs] sendo retomados com objetos nulos, da mesma forma que ainda encontramos alguns antecedentes [-gs] sendo retomados com pronome. Alguns desses casos “destoantes” são analisados e explicados no capítulo seguinte.

4 DISCUSSÕES INTERESSANTES

Abordaremos, neste capítulo, algumas ocorrências de dados que não “se comportam” de acordo com as previsões da hipótese do gênero semântico. Traremos exemplos de dois tipos, analisando sujeitos e objetos diretos separadamente: na análise de sujeito, traremos ocorrências de referentes [-gs] que se manifestam como sujeito pronominal e ocorrências de referentes [+gs] que se manifestam com uma categoria vazia; na análise de objetos, apresentaremos casos de antecedentes [-gs] sendo retomados por pronome pleno e casos de antecedentes [+gs] sendo retomados por meio de objeto nulo. Baseando-nos nas análises de Othero e Schwanke (2018), veremos que princípios discursivos particulares podem influenciar a ocorrência desses casos não esperados – o que explica a sua aparente idiosincrasia.

4.1 Sujeito

Como detalharemos na próxima seção, encontramos 167¹⁶ casos de sujeitos pronominais “destoantes”, dos quais conseguimos explicar 61% (102 casos). No que se refere à categoria vazia, encontramos 40 casos “destoantes”, dos quais explicamos 38% (15 casos).

4.1.1. Análise dos casos “destoantes” com pronomes

A análise de dados de nossos *corpora* permitiu-nos confirmar que a hipótese do traço de gênero semântico se configura como a mais adequada para explicar não apenas a retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa em PB (como já havia sido atestado em Spinelli 2016), mas também o uso de sujeito nulo ou pronominalmente expresso. Como mencionamos na seção 3.3.1, a não existência de resultados polarizados na análise de sujeito [-gs] (verificamos mais referentes [-gs] sendo retomados por pronome e não por uma categoria vazia) talvez se deva ao conflito de dois princípios concomitantes da língua, que sugerem a expressão pronominal do sujeito mesmo quando se esperaria (de acordo com o princípio específico de gênero semântico) que o sujeito não se preenchesse foneticamente. Apresentamos novamente

¹⁶ Os casos destoantes estão discriminados no apêndice deste trabalho.

as tabelas 5 e 7, para que seja possível visualizar a porcentagem de ocorrências “destoantes” dos sujeitos, algumas das quais serão analisadas neste capítulo:

Tabela 5 - Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com antecedente [\pm gs].

Traço do referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+gs]	32 (11,4%)	250 (88,6%)	282 (100%)
[-gs]	74 (46,3%)	86 (53,7%)	160 (100%)

Tabela 7 - Distribuição, no corpus LinguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com antecedente [\pm gs].

Traço do referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+gs]	8 (3,3%)	236 (96,7%)	244 (100%)
[-gs]	78 (49%)	81 (51%)	159 (100%)

Os resultados com o traço [+gs] são bem polarizados, principalmente no *corpus* LinguaPOA, do século XXI, que apresenta 96,7% de sujeitos expressos pronominalmente com referente [+gs]. Já os referentes [-gs] chamam a atenção, como mencionamos no capítulo anterior, dada a preferência pela expressão pronominal do sujeito: 53,7% das ocorrências no *corpus* VARSUL e 51% das ocorrências no *corpus* LinguaPOA são de referentes [-gs] sendo expressos pronominalmente em função de sujeito, totalizando 167 casos (de 653 sujeitos pronominais registrados). Para explicar esse fenômeno, acreditamos na análise de Othero e Schwanke (2018) de que questões discursivas particulares estejam influenciando o uso de pronomes na função de sujeito mesmo quando o referente é [-gs]. Othero e Schwanke (2018) elencaram 3 categorias discursivas ao tratar de casos “destoantes” em sua pesquisa sobre retomada anafórica de objeto direto de terceira pessoa, descobrindo que havia uma tendência muito forte de o pronome ser mantido na retomada anafórica diante de uma das 3 categorias por eles propostas. Aqui, analisaremos também (e primeiramente) os casos de sujeitos pronominais à luz de suas análises. No total, conseguimos explicar 102 desses 167 casos (61% das ocorrências).

4.1.1.1 Grupos (retomada de SNs no plural)

43,7% dos casos “destoantes” com pronomes de nossos *corpora* são de grupos (SNs no plural). No total, 73 (de 167) casos são de referentes que fazem denotação a um grupo de pessoas, sendo 40 deles do *corpus* do VARSUL e 33, do LínguaPOA. Vejamos os exemplos:

- (1) Então essa minha turma da manhã são **vinte e seis crianças**, eu tenho auxiliar, mas mesmo assim, É complicado, porque **eles** são muito agitados.
- (2) **Os fumantes** tinham que se tocar, nem toda área é própria pra fumo, **eles** tinham que procurar um local em qual **eles** pudessem fumar sem atrapalhar o próximo.

Em (1) e (2), os referentes “vinte e seis crianças” e “os fumantes” têm traço [-gs] porque são grupos que podem ser compostos por homens e mulheres. Não é possível identificar o sexo natural (gênero semântico) nesses referentes. Othero e Schwanke (2018, p. 177) alertam para o fato de que casos como esses mostrados tratam de concordância gramatical, “o que pode comprovar – caso seja feita uma análise mais aprofundada – a hipótese de que, em casos de referentes [+animados], a influência maior é a do gênero gramatical, e não semântico”.

4.1.1.2 Concordância ideológica

Também conhecida como *silepse*, a concordância ideológica se faz pelo sentido, sendo denominada por Bechara (2009, p. 555) como “concordância de palavra para sentido”. O gramático menciona que, se houver “distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo” (p. 555), lança-se mão de um recurso como esse. Ao escrever essa seção, Bechara refere-se à língua escrita, no entanto observamos 23 casos (de 167, totalizando 13,8%) de concordância ideológica em que os referentes [-gs] foram manifestados com sujeito pronominal. Abaixo apresentamos alguns exemplos:

- (3) Eu visito mais **a família do João** porque, realmente, **eles** são mais unidos.

(4) Esses tempos apareceu **um moço haitiano** e foi bem, assim, na época que eu ainda tava com algumas quentinhas do inglês aqui e ele falava inglês, ele falava francês e o crioulo, que é a língua que **eles** falam no Haiti.

(5) Porque o baiano é um povo alegre, né? **Eles** são muito alegres

No exemplo (3) há concordância ideológica de número, já que o referente *a família do João* carrega informação semântica de plural, influenciando sua manifestação por meio de sujeito pronominal e estabelecendo concordância (plural). Em (4) também observamos concordância ideológica de número, pois o referente *um moço haitiano* é utilizado pelo falante para aplicar a generalização dos habitantes que moram no país mencionado, e por isso acaba sendo manifestado no plural. O exemplo (5) também expressa concordância de número.

Achamos interessante destacar que encontramos alguns referentes [-animado] e também [-gênero semântico] sendo manifestados por meio de sujeito pronominal. Veja os exemplos abaixo:

(6) E lá na **Feevale**, então, não por concurso ou é concursado?

L: Não, é particular. A gente faz seleção, né, até **eles** tavam/ eles tinham aberto, se não tô enganada, na área da Letras.

(7) Deem uma olhada, sempre é bom ficar atento, porque **eles** têm um mestrado em manifestações culturais, né, **eles** tão tentando implementar o doutorado.

(8) A nossa **classe política**, ela está hoje totalmente desacreditada, né? Porque **eles** mesmos fazem por isso, né?

Em (6) e (7), a instituição *Feevale* é referida com sujeito pronominal devido à concordância ideológica de número – porque o falante, provavelmente, tem em mente o grupo de indivíduos que trabalha nessa instituição e promove as seleções e as inovações no campo educacional. Em (8), a *classe política* aparece com sujeito pronominal duas vezes. A segunda ocorrência, em negrito no exemplo (8), mostra concordância de gênero e de número, afinal o substantivo feminino *classe* é mencionado como *eles* porque o falante a associa aos políticos em geral (aqueles que compõem a classe política).

4.1.1.3 Acessibilidade do referente

Há casos em que, como explicam Othero e Schwanke (2018, p. 178), “o pronome foi mantido para identificar o antecedente correto, já que – por uma questão de distância ou por competição com outros antecedentes – a frase poderia ficar confusa ou até mesmo ambígua”. Identificamos apenas 6 ocorrências (de 167, totalizando 3,6%) nos nossos *corpora* em que o sujeito que tem um referente [-gs] se apresenta com um elemento pronominal por uma questão de acessibilidade desse referente. Observe o exemplo (10) e atente para o fato de que, caso fosse usado um sujeito nulo, a acessibilidade do referente poderia ficar comprometida, afinal há outros possíveis sujeitos a serem resgatados no diálogo (*eu, o balão, a avó*):

(9) D: Que tipo de experiência que tu fez?

L: Uma bomba de fedor.

D: Como é que funciona isso?

L: Ah, junta um monte de coisa fedorenta e vai botando num recipiente, num balão, ou então algo que possa explodir com o contato, porém tem que cuidar, alguma coisa pode corroer o balão e aí acaba explodindo nas tuas mãos.

D: Foi o que aconteceu contio?

L: Foi, foi o que aconteceu comigo, então eu fiquei dois dias sentindo aquele cheiro horrroso **no meu quarto**.

D: Tua avó deve ter ficado louca.

L: Até que não porque eu, no momento, eu tava **no quarto** lá em cima, agora que eu tô aqui embaixo, mas agora **ele** tá isolado lá.

4.1.2. Análise dos casos “destoantes” com sujeitos nulos

O primeiro ponto a destacar na análise de casos de sujeitos nulos que não “se adequaram” à hipótese de gênero semântico é a queda dessas ocorrências ao compararmos os dados do *corpus* do VARSUL com os do *corpus* LínguaPOA. No primeiro *corpus*, foram registradas 32 ocorrências “destoantes”, contra apenas 8 no *corpus* LínguaPOA. Isso pode ser o indicativo de que há uma mudança em processo, sendo concretizada: a de que os referentes com gênero semântico marcado estão, de fato, sendo referidos por pronomes – e isso se refletiu nos dados diacrônicos aqui analisados.

Foram poucos os casos que fugiram do esperado e, para alguns deles, encontramos algumas possíveis explicações. Como Duarte (1993) já mencionara, as orações coordenadas são um contexto universal para o uso do sujeito nulo, portanto não registramos ocorrências que fizessem parte desse tipo de oração e tampouco traremos exemplos (apesar de tê-los encontrado em grande número) desses casos neste trabalho.

Em sua análise de retomada anafórica, Othero e Schwanke (2018) apresentam exemplos em que objetos nulos são usados para retomar o tópico discursivo do enunciado. Em casos assim, a retomada com objeto nulo não parece estranha porque o *status* de tópico do elemento já está assegurado, não dando margem para interpretações equivocadas. Podemos adaptar essa explicação também para o sujeito: em alguns casos, mesmo onde esperávamos um sujeito pronominal, houve a manifestação de um sujeito nulo porque o referente estava topicalizado e, dessa maneira, não deixava a possibilidade de uma confusão de interpretação. Veja o exemplo abaixo:

- (10)F: Tenho dois (*filhos*) – do primeiro casamento um, e um outro agora. E um também, perdemos um.
 I: [Esse]_i que vocês perderam, ela perdeu grávida?
 F: Não, não, Ø_i nasceu, ficou vinte minutos vivo, e faleceu¹⁷.

Note que, em (10), o falecido filho do casal (referido com o pronome demonstrativo *esse*), apesar de ter gênero semântico (por mais que o gênero semântico não tenha sido explicitamente mencionado na fala, o pai sabe o sexo de seu bebê recém-nascido), se manifesta com sujeito nulo porque está topicalizado e se trata de um referente que não será confundido com nenhum dos demais possíveis referentes da fala em questão (cf. GIVÓN 1995).

Outra possível explicação, que vem sendo pesquisada de maneira mais detalhada em estudos recentes (cf. PINTO e ANTONELLI 2014 e GUILHERME 2016), é a “tendência observada no português brasileiro (PB) de se tornar uma língua V2, ou seja, uma língua cujo verbo ocorre em segunda posição da sentença” (GUILHERME, 2016, p. 82). O preenchimento da periferia à esquerda do verbo não necessariamente precisa se realizar por meio de um sujeito. Há casos em que essa posição já está ocupada e, dessa maneira, há a possibilidade de não se expressar foneticamente o sujeito – dessa forma, referentes [+gs] deixam de ser foneticamente expressos (afinal a periferia à esquerda do verbo já está ocupada). Em nossos *corpora*, encontramos 13 casos que podem ser explicados por essa análise. Abaixo apresentamos alguns exemplos:

- (11)D: Mas **eles** não te machucaram?
 L: **Me** machucaram, **me** bateram, isso que foi o pior.

¹⁷ não ilustramos todos os sujeitos nulos porque as demais ocorrências são de orações coordenadas, que não foram por nós contabilizadas.

(12)E: E **ele** é gremista, agora?

F: Ah, às vezes **ele** é gremista, às vezes **ele** é colorado, não decidiu ainda.

E: **Já** está bem grandinho pra **ele** decidir

(13)E: Tu disse que **a tua vó** não gostava que vocês saíssem. Por que **ela** não gostava que saíssem?

F: Sei lá, acho que **ela** tinha medo, porque na verdade nenhuma de nós era filha dela mesmo, né? Então acho que tinha muita coisa de segurança, ou achava que as outras crianças de repente iam ensinar coisas erradas pra gente, sei lá, aquela coisa de vó mesmo. **Não** deixava, a gente ficava sempre brincando aqui.

Observe, nos exemplos (11), (12) e (13), que a periferia à esquerda do verbo já está ocupada (pelas palavras *me*, *já* e *não*, respectivamente em cada exemplo). Não detalharemos essa “tendência”, mas nos pareceu importante mencioná-la devido ao alto número de ocorrências “destoantes” assim justificadas.

4.2. Retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa

Nesta seção, analisaremos os casos “destoantes” de retomada anafórica. Encontramos apenas 38 casos (de 391 retomadas anafóricas registradas) que “não se adequaram” à hipótese do gênero semântico, totalizando 9,7% de todas as ocorrências. Apresentamos novamente as tabelas 9 e 11 para que o número de ocorrências “destoantes” seja visualizado:

Tabela 9 - Retomada anafóricas de objeto nulo e pronominal do corpus VARSUL com antecedentes [\pm gs].

Traço do referente	ON	Pronome	Total
[+gs]	10 (19%)	41 (81%)	51 (100%)
[-gs]	208 (91%)	20 (9%)	228 (100%)

Tabela 11 - Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes plenos do corpus LinguaPOA com antecedentes [\pm gs].

Traços do referente	ON	Pronome Pleno	Total
[+gs]	5 (22,7%)	17 (77,3%)	22 (100%)
[-gs]	87 (96,7%)	3 (3,3%)	90 (100%)

Observa-se, nas tabelas 9 e 11, que os resultados são bem polarizados quando falamos de referentes [-gs], afinal 91% e 96,7% (do *corpus* VARSUL e LinguaPOA, respectivamente) desses casos são retomados por objeto nulo. Os referentes [+gs] são preferencialmente

retomados por pronomes plenos, porém não há um resultado categórico, afinal 20% dos referentes [+gs] dos dois *corpora* foram retomados por objeto nulo.

4.2.1. *Análise dos casos “destoantes” com pronomes*

Encontramos 23 casos de referentes [-gs] retomados por pronomes. Baseando-nos na análise de Othero e Schwanke (2018), conseguimos explicar 8 desses 23 casos (35% das ocorrências).

4.2.1.1 *Grupos*

Em nossos dados, 3 casos de antecedentes [-gs] retomados por pronomes se encaixam nessa categoria. Vejamos os três casos abaixo:

- (14) [Muitos adolescentes]_i usando drogas. Tem dias até que tu consegue ver **eles**_i sentados ali praça, perto das crianças, usando drogas.
- (15) E foi um assalto lá dentro da casa dele: um ficou segurando o doutor, e o outro ficou segurando [a esposa com os filhos]_i; botou **eles**_i o quarto lá, a mulher com os filhos no quarto.
- (16) Ela teve um tio que teve dez filhos, então nós temos contato até hoje com [esses primos da minha mãe]_i,
D2: Então tu visita **eles**_i com bastante frequência, né?

No exemplo (14), os adolescentes compõem um grupo de jovens que podem ser tanto homens quanto mulheres, fazendo denotação a um grupo de pessoas, e por isso sua retomada anafórica se realiza com um pronome – que parece favorecer a retomada anafórica por pronome, assim como parece favorecer a expressão do sujeito pronominal, como vimos na seção 4.1.1.1.. No exemplo (15), o grupo de pessoas trancadas no quarto é composto por homens e mulheres (e o falante sabe disso), por isso a retomada anafórica se faz por meio de um pronome pleno. A mesma explicação se aplica ao exemplo (17).

4.2.1.2 *Concordância ideológica*

Apenas 2 casos de referentes [-gs] são explicados por concordância ideológica, e ambos foram mencionados pelo mesmo falante. Vejamos o exemplo abaixo:

- (17) E eu, quando saí do edifício, senti que veio um carro atrás com [uma turma jovem]_i, né? E eles encostaram e perguntaram assim: “como é que se vai pra Ipanema?” E eu queria sair dali de onde não tinha movimento, porque era um sábado de manhã, o pessoal – ninguém levanta cedo nem nada. E eu queria conduzir eles_i; pro movimento, e eles estavam pensando que eu não estava entendendo eles_i

Observe, no exemplo (17), que o referente *uma turma jovem* é retomado duas vezes com o pronome pleno *eles*, indicando a concordância ideológica de número, afinal o falante o identifica com a informação semântica de plural (*jovens*) presente no mencionado referente.

4.2.1.3 Acessibilidade do referente

Outros dois casos “destoantes” com pronomes se encaixam no critério de acessibilidade do referente. Os exemplos (18) e (20) seguem abaixo:

- (18) Ah, em primeiro lugar eu pego [a carne]_i e eu preparo ela_i, né? Não adianta pegar e comprar Ø_i direto do açougue e espetar Ø_i. Eu tiro as pelezinhas, tudo, porque aquelas peles deixam a carne dura, né? Tira [as peles]_j tudo, prepara **ela**_i bem preparadinha, salga ela_i, bota Ø_i no espeto.
- (19) Tira aquela capa estragada e põe [as folhas]_i uma por uma em cima da outra, vai examinando Ø_i; se [a folha]_j está rasgadinha, a gente cola Ø_j, bota um reforço ali na lombada, a gente põe um reforço. Depois bota [tudo]_k direitinho em ordem numérica e vai costurando elas_i

Observe que, no exemplo (18), o referente *a carne* é retomado algumas vezes com uma categoria vazia, mas ressaltamos que a primeira vez em que esse referente é retomado com pronome pleno (em negrito), isso ocorre para que não haja confusão com outro possível antecedente (*as peles*). O exemplo (19) é ainda mais claro, afinal existem dois outros antecedentes que poderiam confundir a compreensão da retomada de *as folhas* (*a folha* e *tudo*).

4.2.2. Análise dos casos “destoantes” com categoria vazia

Identificamos apenas 15 casos “destoantes” de referentes [+gs] sendo retomados por objeto nulo. O baixo índice chama a atenção de forma positiva, porém (infelizmente) nenhum dos casos encontrados pode ser explicado pela análise que pauta esse capítulo. De qualquer maneira, acreditamos que a análise dos demais casos “destoantes” dos nossos *corpora* tenha contribuído para uma complementação de nosso estudo e de nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos o condicionamento que pauta a omissão e a expressão de sujeitos e objetos pronominais de 3ª pessoa. Tínhamos três objetivos principais: (i) verificar se as ocorrências de sujeito exposto pronominalmente diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado no Rio Grande do Sul, através da análise de *corpora* orais; (ii) verificar se as ocorrências de objeto nulo diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado no Rio Grande do Sul; e (iii) verificar se o traço de gênero semântico poderia ser o gatilho para a manifestação do pronome nas ocorrências de sujeito e de objeto direto anafórico pronominais.

O primeiro resultado depreendido de nossas análises (referente ao objetivo (i)) foi que houve um aumento nas ocorrências de sujeito exposto no intervalo analisado de aproximadamente 20 anos, embora esse aumento não tenha sido tão significativo quanto imaginávamos.

O segundo resultado encontrado referente ao objetivo (ii) foi de que houve um aumento na porcentagem de objetos nulos ao compararmos os dados do VARSUL com os do LínguaPOA. Além disso, verificamos a inexistência de clíticos no *corpus* LínguaPOA, um indicativo de que esse realmente deixou de ser um recurso utilizado para a retomada anafórica na fala vernacular. A comparação dos nossos dados com os analisados por Monteiro (1994), com dados do NURC da década de 1970, permitiu-nos verificar que parece ter acontecido uma “estabilização” no fenômeno da retomada anafórica: o PB não está se encaminhando para uma língua de objeto nulo total (no que diz respeito à retomada anafórica de terceira pessoa). Os dados nos indicam que o sistema da língua se estabilizou com a exclusão dos clíticos mas a retomada anafórica de terceira pessoa em posição de objeto conta com duas estratégias – o objeto nulo e o uso do pronome pleno.

A distribuição de sujeitos nulos e pronominalmente expressos e de objetos nulos e pronomes plenos foi explicada de maneira mais econômica e com maior polarização com a hipótese do gênero semântico (referente ao objetivo (iii)). Observamos que a realização do pronome pleno é favorecida quando o referente tem gênero semântico marcado (é [+gs]) tanto na função de sujeito quanto na de objeto, e esse favorecimento é maior e mais claro do que o

encontrado na análise com o traço de animacidade (e especificidade). Podemos constatar¹⁸ que o traço de gênero semântico é sim o gatilho para o condicionamento do uso de categoria vazia ou pronome pleno nos casos analisados, porém há outro princípio em questão atuando na língua: o favorecimento do uso de pronomes.

Ao longo das análises deste trabalho, descobrimos um ponto muito interessante e que não havíamos antecipado: encontramos variação livre entre pronomes plenos e sujeitos nulos (com a preferência por pronomes) na análise de sujeito nos casos em que o referente não tem gênero semântico expresso. Isso denuncia a vigência de dois diferentes princípios em conflito.

Apenas a análise dos dados pelo viés do traço de gênero semântico permite a visualização de um possível conflito de dois princípios gramaticais atuantes no PB: um princípio mais geral, que favorece o sujeito preenchido, e outro princípio mais específico (pautado no gênero semântico), que pode estar favorecendo o sujeito nulo (quando o referente não tem gênero semântico marcado). A existência concomitante desses dois princípios não fica perceptível na análise que leva em conta a combinação dos traços de animacidade e especificidade, o que mostra o quão potente é a hipótese do gênero semântico no tratamento de retomadas fóricas e anafóricas no PB.

Confirmamos, no presente trabalho, portanto, a possibilidade do tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa, sendo a hipótese do gênero semântico a teoria que explica ambos os fenômenos de maneira mais acurada porque polariza melhor os resultados e se mostra uma maneira mais econômica de explicar ambos os fenômenos. Ademais, essa hipótese é capaz de ilustrar a mudança paramétrica no que se refere ao parâmetro *pro-drop* pelo qual o PB vem passando.

Por fim, discutimos alguns casos que não se “adequam” às previsões da hipótese do gênero semântico. Conseguimos explicar 56% casos “destoantes” de sujeito analisando princípios discursivos particulares, comprovando, como já havia alertado Schwanke (2016, p. 63), “que a estrutura discursiva também se mostrou importante, além das características semântico-pragmáticas dos referentes”, no condicionamento de sujeitos nulos e pronominais. Na análise de objetos, os princípios discursivos investigados explicaram apenas 21% dos casos. Embora ainda seja necessária uma pesquisa mais aprofundada dos casos “destoantes”, acreditamos que nossos resultados parecem colaborar com as pesquisas atuais no sentido de tornar possível tratar de modo unificado os sujeitos e os objetos diretos anafóricos de 3ª

¹⁸Embora destaquemos aqui que não realizamos tratamento estatístico dos dados, mas acreditamos que as análises realizadas permitem-nos concluir pelo traço de gênero semântico como traço condicionador dos fenômenos em questão.

pessoa, com relação aos fatores que condicionam o preenchimento das posições com pronomes ou categoria vazia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A Forma do objeto direto anafórico em português - Uma análise motivada pela topicalidade. **Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Vol. VIII, n. 14, p 9 - 22. Rio de Janeiro, 2004.

AVELAR, J.; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v. 3, p. 49-65, 2008.

AYRES, M. R. **Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil**. Dissertação de mestrado, PUCRS, 2016.

AYRES, M. R.; OTHERO, G. A. Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil. **Caderno de Squibs**, v. 2, n. 2, 2016.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BISOL, L.; MENON, O.; TASCA, M. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BISOL, L.; MONARETTO, V. N. O. Prefácio: VARSUL e suas origens, uma história sumariada. **ReVEL**, edição especial n. 13, 2016.

CASAGRANDE, S. **A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro**. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 2007.

CASAGRANDE, S. Restrições de ocorrência do objeto direto anafórico no Português Brasileiro: gramática adulta e aquisição da linguagem. **ReVEL**, edição especial n. 6, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, (44):105-118, Jan./Jun. 2003.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. 2a edição (1982). Dordrecht: Foris, 1981.

COELHO, I. L.; OTHERO, G. A.; VIEIRA-PINTO, C. A. Reanálise de variáveis semânticas no condicionamento do objeto nulo e do pronome pleno na fala de Florianópolis. **Fórum Linguístico** (UFSC), v. 14, n. 4, 2017.

COLLISCHONN, G.; MONARETTO, V. Banco de dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 56, n. 3, 2012.

CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004.

CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

CYRINO, S. M. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR.)

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.

CYRINO, S. M. Para a história do português brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. **Letras de Hoje** 38 (1): 31-47, 2013.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F., (org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 19-34.

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; & KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

DUARTE, M. E. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de doutorado, UNICAMP, 1995.

DUARTE, M. E. L. **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, L.; MENUZZI, S.; COSTA, J. **The Handbook of Portuguese Linguistics**. West Sussex: John Wiley & Sons, 2016.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e infinitivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GUILHERME, M. R. C. Português Brasileiro: uma língua V2? **INTERFACIS**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2016.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.

HOLMBERG, A. Null subject parameters. In: BIBERAUER, T. et al. **Parametric variation: Null subjects in minimalist theory**, p. 88-124. Cambridge: CUP, 2010.

KATO, M. A. Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter. **Probus** (Dordrecht), Berlin, v. 11, n° 1, p. 1-37, 1999.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulo no Português Brasileiro. **VEREDAS: Sintaxe das Línguas Brasileiras**. Volume 18/1, 2014.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NUNES, J. Direção de Cliticização, Objeto Nulo e Pronome Tônico na Posição de Objeto em Português Brasileiro. In: ROBERTS, I.; & KATO, M. (orgs.). Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica. Editora da UNICAMP, 1993 (2ª edição 1996).

OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. **Working Papers em Linguística (Impresso)**, 2016.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrita. **Revista de Estudos da Linguagem (UFMG)**, v. 26, n. 1, 2018.

OTHERO, G. A.; CYRINO, S.; SCHABBACH, G.; ROSITO, R.; ALVES, L. M. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em corpora escritos com características de fala. **Revista da Anpoll**, v. 1, 2018.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Sujeito expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB), no prelo.

PINTO, C. F.; ANTONELLI, A. L. O Efeito V2 na história do espanhol e português europeus. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. spe, p. 163-197, 3 dez. 2014.

PINTO, C. A. V.; COELHO, I. L. O objeto direto anafórico de SN: uma análise da fala de Florianópolis em duas sincronias. **ReVEL**, edição especial n. 12, 2016.

PIVETTA, V. **Objeto direto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos – animacidade/especificidade vs. gênero semântico**. Dissertação de mestrado, UFRGS, 2015.

ROBERTS, I. A deletion analysis of null subjects. In: BIBERAUER, T. et al. **Parametric variation: Null subjects in minimalist theory**, p. 125-152. Cambridge: CUP, 2010.

SCHWANKE, C. **Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS, 2016.

SCHWENTER, S. A.; SILVA, G. Anaphoric direct objects in spoken Brazilian Portuguese: semantics and pragmatics. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, 2003.

SILVA, H. S. **O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol**. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2006

SPINELLI, A. C. **Analisando a retomada anafórica do objeto direto em português falado**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS, 2016.

TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.